



esad
arte+
design

Dissertação apresentada à Escola Superior de Artes e Design,
como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Design,
especialização em Design de Interiores.

CONSERVAR A HISTÓRIA E A SUA MEMÓRIA

Pequenas Habitações Para Turismo no Caramulo

Orientada por: Professor João Nuno
Pinto Bastos Moreira Gomes

MATOSINHOS, 2021

Natalia Cristina Pinheiro



“Não podemos guardar tudo. Nem sequer isso seria compatível com a realidade da vida e da mudança. Mas podemos, e devemos assegurar a transmissão do conhecimento do que fizemos ou estamos a fazer. Preservar a memória.”

CALDEIRA, Alfredo — Caminhos do Património, p. 233.

RESUMO

Considerando o número de viajantes que procuram experiências únicas, o turismo surge para estimular o desenvolvimento das áreas rurais, o que oferece um contato direto com a natureza, qualidade ambiental e belas paisagens. As aldeias devem ser alvo de investimentos, as casas e o espaço público devem ser reabilitados, e desta forma oferecer melhor qualidade de vida, preservar o patrimônio arquitetônico, construtivo, histórico e cultural, criar oportunidades de emprego e potencializar o turismo dessas áreas.

E é com base nessa definição que se pretende encontrar uma forma que incentive a preservação da aldeia do Caramulo. Este estudo tem como impacto a importância do design de interiores na conservação da história de uma aldeia esquecida no tempo. Atráves de um estudo de caso em três aldeias, pretende-se avaliar as potencialidades dos seus edifícios e investigar suas intervenções. Apesar de diferentes localidades, materiais construtivos utilizados, modelo de exploração, mas que em comum partilham o respeito pela arquitetura local, essência e a perfeita integração na natureza.

O projeto tem como finalidade conservar a história e a memória da aldeia do Caramulo, respondendo as necessidades de hoje e respeitando suas características. Uma das estratégias é a reabilitação de pequenas habitações integrando o turismo dessa região rural e conseguir que os viajantes habitem e usufruam desses espaços.

Palavras-chave: Reabilitação | Turismo | Habitação | Conservação | Natureza

ABSTRACT

Considering the number of travelers looking for unique experiences, tourism appears to stimulate the development of rural areas. What offers direct contact with nature, environmental quality and beautiful landscapes. The villages must be the target of investments, the houses and the public space must be rehabilitated, thus offering a better quality of life, preserving the architectural, constructive, historical and cultural heritage, creating job opportunities and boosting tourism in these areas.

And it is based on this definition that we want to find a way to encourage the preservation of the Village of Caramulo. This study has an impact on the importance of interior design in preserving the history of a village forgotten in time. Through a case study in three villages, it is intended to assess the potential of their buildings and investigate their interventions. Despite different locations, construction materials used, exploration model, but which in common share the respect for local architecture, essence and perfect integration in nature. w

The project aims to conserve the history and memory of the Village of Caramulo, responding to today's needs and respecting its characteristics. One of the strategies is the rehabilitation of small houses integrating tourism in this rural region and getting travelers to inhabit and enjoy these spaces.

Key words: Rehabilitation | Tourism | Housing | Village | Nature

AGRADECIMENTO

Agradeço este trabalho primeiramente a DEUS, por ser meu guia em todos os momentos e pela força que recebi d'Ele nesse processo.

Ao Professor João Gomes, pela orientação, disponibilidade e apoio contínuo ao longo do mestrado.

A todos aqueles que me apoiaram e acompanharam durante todo o percurso.

Ao Fernando, meu marido, pela paciência, incentivo constante e por acreditar em mim.

À minha mãe, que me fez ser o que sou hoje.

SUMÁRIO

01

INTRODUÇÃO

1.1 Objeto de estudo	12
1.2 Objetivo	12
1.3 Metodologia	13
1.4 Estrutura	14

02

LUGAR

2.1 Caracterização da região	18
2.2 História	21
2.3 Ofertas Turísticas do Caramulo	26
2.3.1 Alojamento	26
2.3.2 Atrações Naturais ou de Lazer	29
2.3.3 Percursos Pedestres	29
2.3.4 Atrações Culturais e Gastronômicas	34
2.3.5 Atividades Turísticas	36

03

TURISMO

3.1 Conceito e Definição	39
3.2 Tipos de Alojamentos em Portugal	41
3.2.1 Empreendimentos de Turismo de Habitação	41
3.2.2 Empreendimentos de Turismo Rural	42
3.3 Turismo de Natureza	44
3.4 Turismo na Região Centro	48
3.5 Motivações Turísticas	49

04

REABILITAÇÃO

4.1 Princípios da reabilitação	54
4.2 Níveis de intervenção	55
4.3 Programas de apoio a Reabilitação Urbana	58

05

ESTUDOS DE CASOS

5.1 Aldeia da Pedralva	64
5.1.1 Enquadramento	61
5.1.2 Intervenção	66
5.2 Aldeia de Quintandona	68
5.2.1 Enquadramento	68
5.2.2 Intervenção	70
5.3 Casas do Côro - Marialva	72
5.3.1 Enquadramento	72
5.3.2 Intervenção	74

06

PROPOSTA DE PROJETO

6.1 Análise pré-existente	78
6.2 Proposta de intervenção	92

07

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referências Bibliográficas	150
Lista de Imagens	154
Siglas	171
Anexos	172

01

INTRODUÇÃO

- 1.1 Objeto de estudo
- 1.2 Objetivo
- 1.3 Metodologia
- 1.4 Estrutura

Considerando o aumento de edifícios em estado de degradação em Portugal, torna-se importante incentivar uma atitude de conservação e reabilitação do edificado. A reabilitação é uma área que tem vindo a despertar interesse dada a importância de conservar e proteger a cultura, o ambiente, a economia e a sociedade. Através do desenvolvimento de conceitos e práticas de recuperação, entender como se preservar a memória do passado se torna atrativo para o turismo. As raízes da população podem ser um motivo interessante para que, no futuro, esse tipo de turismo seja um motor e um fator fundamental para o desenvolvimento económico e social de populações mais desfavorecidas.

1.1 OBJETO DE ESTUDO

Este projeto tem como objeto de estudo cinco pequenos edifícios com diferentes tipologias, sobre o tema de habitações para turismo, localizada na aldeia do Caramulo, na freguesia do Guardão do município de Tondela.

Tendo em conta que atualmente, um dos principais problemas é a existência de áreas degradadas, a reabilitação e conservação tem sido um tema cada vez mais debatido e, numa perspectiva de sustentabilidade, torna-se importante incentivar o aproveitamento do edificado existente que geralmente apresenta valor arquitetónico, cultural e histórico.

O meio rural e as aldeias podem surgir como um elemento diferenciador numa era de globalização, pois representam a sua importância enquanto património, mas também pelo seu elevado potencial turístico, como fonte de desenvolvimento e crescimento económico das áreas rurais. As aldeias são reflexos do modo de vida das gerações passadas, por isso, é importante perceber de que forma se deve intervir de modo a encontrar o ponto de equilíbrio entre a conservação da arquitetura tradicional e a necessidade de modificar e acrescentar as aldeias, a fim de responder as necessidades atuais. É nesse contexto que surge o interesse pela Aldeia do Caramulo e por toda a história que a mesma carrega.

1.2 OBJETIVO

O objetivo desta proposta de projeto será mostrar que o Caramulo é uma aldeia muito privilegiada e com grande potencial de desenvolvimento turístico. Também será abordada a recuperação de pequenas habitações que estão em ruínas para habitações de turismo, procurando melhores soluções para um perfil turístico, além da recuperação desses edifícios reduzindo a quantidade de demolições.

Nesse âmbito, nasce a necessidade do design de interiores de criar e adequar novos programas que se adaptem às características construtivas das suas preexistências, através de intervenções específicas e sustentáveis, que permita transformar essas pequenas habitações num produto funcional, atrativo aos visitantes, conectar os turistas com a vida rural, conservar os recursos naturais e criar postos de trabalho.

Para conseguir cumprir esses objetivos, é fundamental conhecer toda a história e edifícios em questão, de modo a entender de que forma se pode intervir, adaptando-o a contemporaneidade e atribuindo-lhe um novo programa que, mantendo a identidade e a memória do edifício, preserve o seu valor histórico e dinamize o território.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia seguida para o desenvolvimento desse projeto, numa primeira fase, procedeu-se a levantamento de dados, visita técnica à vila do Caramulo e perceber as reais dimensões dos edifícios e a atual realidade de todo espaço avaliando o seu estado de conservação e degradação, levantamento fotográfico e métrico, assim como um estudo dos futuros utilizadores, elaborar maquete de conjunto e exemplos de projetos similares que servem de estudo para desenvolver esse trabalho, além do enquadramento do contexto histórico e da própria estância sanatorial e o caminho até os dias de hoje, de forma a compreender o seu valor no passado de modo a dar continuidade em seu potencial.

A segunda fase pretende obter uma leitura mais técnica no âmbito dos temas abordados na investigação, sendo estes o Caramulo, o turismo e a reabilitação. O estudo contempla casos, que podem ser considerados de referência uma vez que as intervenções, exceto a aldeia de Quintandona, se concentraram em aldeias quase desertas e com as suas casas em total degradação. Não só foram recuperadas como adquiriram a sua arquitetura local, com infraestruturas essenciais para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes e para o desenvolvimento do turismo.

Numa terceira fase, objetiva-se desenvolver uma proposta projetual onde estruturalmente deve ser avaliada a segurança das habitações e proceder ao seu reforço, caso necessário. Recuperar as fachadas e telhados em algumas casas, e as mesmas deverão ser revestidas interiormente e, se necessário, isolamento térmico. Intervir de forma a contribuir para a regeneração da aldeia.

1.4 ESTRUTURA

O trabalho está estruturado em três partes, sendo primeiramente ao enquadramento e característica do lugar. Nessa fase procuramos fazer uma descrição dos pontos de atração turística e das dinâmicas culturais da zona envolvente, demonstrando o potencial turístico da região. Numa segunda parte, um estudo sobre o turismo, reabilitação e suas intervenções, ao chegar aos três casos de estudo, que de algum modo, contribuíram para o projeto proposto nesta dissertação. Na terceira e última fase, a projetual, é feita uma análise aos edifícios e suas carências, de forma a dar início a um projeto de interiores que se adapte aos objetivos projetuais e ao objeto de estudo, todo esse processo a dar forma e conceito respondendo as necessidades essenciais de um estabelecimento de habitações turística.

Desse modo, o primeiro capítulo - **Introdução** – refere-se à contextualização do trabalho, justificação e estrutura, permitindo um enquadramento prático e teórico.

No segundo capítulo - **Lugar** - será feita uma abordagem e análise geográfica e histórica da vila do Caramulo e o que mostra as potencialidades dessa aldeia.

O terceiro capítulo - **Turismo** - aborda alguns dos conceitos teóricos em que se fundamenta o nosso estudo, como por exemplo, o turismo geral, o turismo de natureza e os aspetos que podem levar à procura de um destino turístico e suas motivações.

No capítulo quatro - **Reabilitação** – deseja-se perceber a importância da reabilitação e da conservação do espaço circundante e suas vantagens para o meio ambiente, além dos aspectos do grau de gravidade de seus níveis e o incentivo dos programas criados pelo Estado para a recuperação desses edifícios em ruínas.

O capítulo cinco - **Estudos de Casos** - principais exemplos de intervenção que auxiliará no desenvolvimento desse projeto, como a Aldeia de Pedralva, Aldeia de Quintandona e as Casas do Côro em Marialva.

Já no capítulo seis - **Proposta de projeto** - são apresentados alguns desenhos, croquis e imagens 3D para cada edifício, descritos e justificados todos os processos projetuais e suas intervenções.

No capítulo sete - **Considerações finais** - conclusões retiradas sobre todo trabalho realizado, não apenas sobre um contexto académico, e sim pelos conhecimentos adquiridos e desenvolvidos a nível profissional, onde o design de interiores tem um papel importante na realização de projetos desse carácter.

2.1 Caracterização da região

2.2 História

2.3 Ofertas Turísticas do Caramulo

2.3.1 Alojamento

2.3.2 Atrações Naturais ou de Lazer

2.3.3 Percursos Pedestres

2.3.4 Atrações Culturais e Gastronômicas

2.3.5 Atividades Turísticas



"Interpretar um local significa conseguir compreender o que acontece nele, o que aconteceu ou poderá acontecer, o que significa, como nos devemos comportar nele, e como esse local se relaciona com outros locais"

(Lynch, 1999, p.294-295)

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A Serra do Caramulo é uma zona montanhosa de origem granítica e xistosa. Localiza-se na zona central de Portugal e insere-se nos distritos de Viseu no concelho de Tondela, freguesia do Guardão. O seu ponto mais alto situa-se a 1071 metros acima do nível do mar, num local chamado Caramulinho, assinado por um curioso aglomerado piramidal de enormes blocos de granito que mais parece ser um monumento construído por gigantes, do que o resultado de qualquer convulsão geológica de um passado remoto (Veloso, 2010).

A vila do Caramulo, que dá o nome à serra, pertence ao concelho de Tondela. Em 2011 no último Censo, a Freguesia do Guardão apresentava um total de 1490 residentes (Freguesia do Guardão, 2020).

Está delimitada geograficamente ao Norte pela freguesia de Santiago de Besteiros e a freguesia de Caparrosa e Silvares; ao Leste, pela freguesia de Campo de Besteiros e freguesia de Castelões; ao Sul, pela freguesia de Barreiro de Besteiros e Tourigo e ao Oeste pela freguesia de Arca e Varzielas, Vouzela e S. João do Monte e Mosteirinho.

A serra caracteriza-se pela sua acentuada assimetria, para o norte virado ao nascente a descer em rápido declive até ao vale de Besteiros, onde corre o rio Criz, promovendo nesta encosta a visão da Serra da Estrela que tem uma orientação semelhante à da serra limitando-a visualmente ao sudeste. Enquanto que o flanco que está voltado ao poente se vai alongando, em consecutivos socalcos montanhosos, até às zonas mais baixas da Beira Litoral (Girão, 1944, como citado em Santos, 2015). A Figura 2 demonstra esta assimetria da serra e as suas ribeiras.

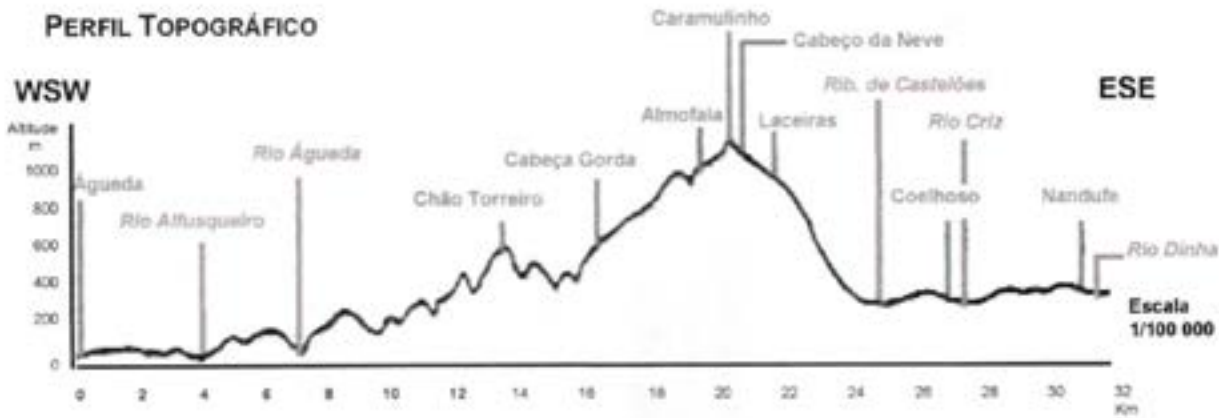


Figura 2: Perfil topográfico da Serra do Caramulo.

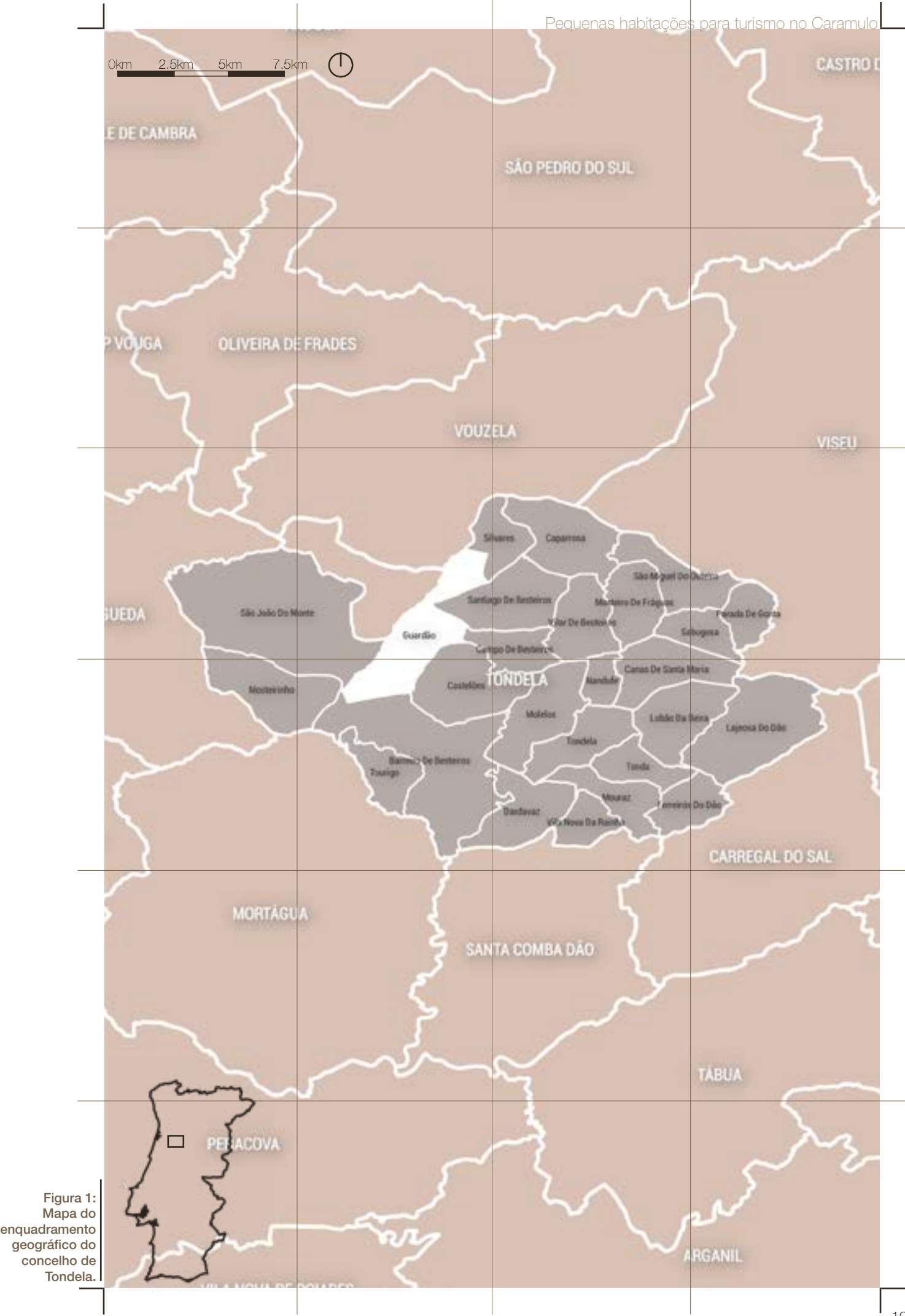


Figura 1: Mapa do enquadramento geográfico do concelho de Tondela.

A paisagem ao norte de Viseu até zonas ao sul, já muito próximas de Mortágua, varia frequentemente de aspecto ao longo do ano e ao longo do dia. Por vezes, uma densa nebulosidade cobre todo o vale e cria o espetáculo inesquecível conhecido por “mar de nuvens”, que se assemelha a um vasto oceano que só deixa descoberto os pontos mais altos da Serra da Estrela, e em dias de maior visibilidade, é possível observar as povoações espalhadas pelos vales e pelas encostas (Ferreira, 2018).

A serra foi habitada por sucessivas populações das quais ainda se podem encontrar alguns vestígios. Os aglomeramentos e todo o património arquitetónico do Guardão são exemplo disso.

Desde tribos do paleolítico, que deixaram abundantes sinais de povoamento neolítico, aos romanos, que deixaram, entre outros vestígios, a Capela de São Bartolomeu, as calçadas de pedra e a Igreja do Guardão. A povoação do Guardão ficou especialmente ligada à época da ocupação moura, pois situava-se num local de lutas entre árabes e cristãos e ainda hoje celebram, todos os anos, no Guardão, a Festa das Cruzes, originalmente criada pelas quatro freguesias que expulsaram os mouros: Guardão, Santiago de Besteiros, Campo de Besteiros e Castelões (Ferreira, 2018).

No século XX, a população que vivia na serra estava distribuída por várias aldeias ou lugares com apenas uma ou duas famílias e as casas eram construídas com blocos de granito, tendo como cobertura colmo ou telha cimentada. Cultivavam principalmente milho, batata e produtos hortícolas, para seu próprio sustento. O que sobrava era vendido nas feiras de Campo de Besteiros ou Tondela.

Essas aldeias muito distantes das civilizações, tinham apenas caminhos de terra batida, o que privava as populações de bens primários como eletricidade ou água canalizada, ou mesmo educação e assistência médica. Uma dessas aldeias era conhecida como Paredes do Guardão, atualmente Vila do Caramulo, e até 1921 tinha apenas 300 habitantes (Ribeiro, 2011).

2.2 HISTÓRIA

O fundador da Estância, Jerónimo Maria de Lacerda nasceu em 14 de outubro de 1889 em Coimbra, filho de Rosa Maria Pacheco e Abel Maria de Lacerda. Seu pai Abel era médico em Tondela, e seguindo a tradição da família envia Jerónimo para a Universidade de Coimbra, onde saiu em 1915 formado em medicina e filosofia com 19 valores e foi convidado a ser assistente da Faculdade pelo professor Elísio de Moura, e no ano seguinte ele fez doutoramento.

Em 1916, a pedido da aliada Inglaterra, o governo aprisiona os navios alemães nos portos de administração portuguesa e a Alemanha declara guerra a Portugal. Jerónimo de Lacerda é mobilizado para Angola, mas devido a uma troca de guias de marcha, cujas razões se desconhecem, acabou por ser enviado para Flandres como médico do Corpo Expedicionário Português. Acabada a guerra em 1918, regressa a Portugal graduado em capitão-médico e retoma o seu lugar como assistente na Faculdade de Medicina de Coimbra, acumulando essas funções com a atividade clínica no concelho de Tondela (Veloso, 2010).

Figura 3:
Jerónimo
de Lacerda,
1915



Figura 4:
Diploma de
formatura.



Ao passar a sua juventude em Tondela, Jerónimo conhecia bem a Serra do Caramulo, por caçadas e piqueniques, mas também porque acompanhava o pai por vezes nas suas visitas como subdelegado de saúde, e sabia das propriedades atribuídas aos “bons ares” da serra no tratamento da tuberculose estando a par das pequenas habitações destinadas aos “hóspedes com fraquezas” (Veloso, 2010).

O fato de conhecer bem o local, juntamente com a oportunidade de ter tido contato em visitas as algumas estâncias na França e Suíça, visto as estatísticas indicarem uma média de 12.000 mortes por ano causadas pela tuberculose, e de não existirem espaços adequados ao tratamento em Portugal, fez com que Jerónimo começasse a visitar Guardão, com o intuito de criar um hotel não só para as pessoas repousarem, mas também para se tratarem. Foi nessa altura que conheceu a sua futura esposa, Margarida Castro Alves. Em Março de 1919 casaram e nos anos que se seguiram tiveram três filhos: Maria Arminda, Abel Maria e João Maria (Veloso, 2010).

Jerónimo idealiza progressivamente um modelo de construção sanatorial para o local e decide promover a 18 de Janeiro de 1920 a Comissão Organizadora da Sociedade de Propaganda do Caramulo com vista a discutir a Estância Climática do Caramulo. Dessa reunião é constituída poucos

meses depois a Sociedade do Caramulo, SARL, que decide edificar o primeiro edifício do que seria a futura estância, um Grande Hotel para convalescentes. E em 8 de julho de 1922 o mesmo é inaugurado. Em 1923 Jerónimo muda-se com a família para o Caramulo e fica mais próximo dos seus doentes. Foi a partir de 1925 que o Grande Hotel passou a existir como sanatório e começaram as grandes transformações de infraestruturas, únicas em Portugal para aquela época, e que fez do Caramulo a maior Estância Sanatorial da Europa. A necessidade de isolar os tuberculosos combinados com repouso e dieta nutritiva conduziu, obrigatoriamente, a uma construção de sanatórios com extensas galerias destinadas a um período de descanso diário ao ar livre (Pinto, 2018).

Ao longo desta primeira década (1920 - 1930) outros sanatórios iam abrindo por toda a vertente sul da Serra do Caramulo, o Caramulo estava sendo dotado de estradas largas que faziam ligações privilegiadas às vilas mais próximas, Tondela e Águeda. Construiu-se uma rede de distribuição de água para toda a estância, redes de esgotos urbanos e sistema de recolha de lixos com forno crematório, energia elétrica produzida a partir de central hídrica própria, bem como um planeamento urbanístico invulgar, com estradas largas com passeios, espaços verdes, jardins públicos, incluindo casas particulares, que começavam a edificar na parte da vila sanatorial, por iniciativa das famílias dos doentes que

Figura 5:
Grande
Hotel,
1922.



preferiam manter a proximidade a evitar as longas viagens.

Em 1945 a estância sanatorial do Caramulo atingiu o seu auge com 20 sanatórios desenvolvidos, além de não ser só um lugar de tratamento de doenças pulmonares, principalmente a tuberculose, também se reuniam conceituados médicos nacionais e internacionais, o que tornou a Vila uma verdadeira escola de pneumotisiologistas onde garantiu as atualizações das teorias e métodos.

Jerónimo de Lacerda era um homem de caráter aberto e bem humorado e no ano de 1945, aos 55 anos, morre de infarto em Lisboa (Velo, 2010).

Em 1950 começa o declínio da estância sanatorial do Caramulo com a descoberta da vacina BCG e o aparecimento de antibióticos. No entanto, Abel Lacerda, filho de Jerónimo de Lacerda e amante das artes, lança-se num particular projeto que tinha o objetivo de criar o Caramulo num polo de atração para artistas plásticos, uma estância de turismo cultural, com habitações, oficinas de construção e restauro e arquivos de arte (Catarina Coimbra, 2014). Fundado nos anos 50, o museu dispõe de uma ampla coleção de obras de arte e automóveis.



Figura 6:
Casa de
Jerónimo de
Lacerda, na
fase inicial,
1923.



Figura 8:
Galeria do
Grande
Sanatório
à hora da
cura, 1933.



Figura 7:
Fotografia de
família junto
à casa do
Caramulo,
1927.

2.3 OFERTAS TURÍSTICAS DO CARAMULO

O Caramulo, apesar de algum abandono, está composto de vários serviços e diferentes tipos de atividades. Em seguida, serão apresentadas algumas utilidades com respeito a alojamento, atrações naturais, atrações culturais e atividades turísticas.

O turismo constitui uma possibilidade concreta de minimização das disparidades regionais entre as regiões do país. Assim, a atividade turística constitui-se como uma arma eficaz de incrementar o crescimento e o desenvolvimento regional, neste caso numa montanha como a Serra do Caramulo (Cruz, 2000).

2.3.1 ALOJAMENTO

GOLDEN TULIP CARAMULO HOTEL & SPA

Antigo Sanatório Salazar, destinado naquela altura aos militares do exército Português que estavam com tuberculose. Transformado nos anos 90 no Hotel do Caramulo, inclui aquele que é o primeiro spa do país. Situado a 850 metros de altitude, classificado em 4 estrelas, com 87 quartos e piscina para o exterior com vista para o vale. O Centro Termal e de Tratamentos Anima Corpus do hotel é o espaço ideal de tratamentos e terapias para a restituição da harmonia ao corpo e do equilíbrio ao espírito. No mesmo local, possui uma entidade privada que combate o stress IPSSO – Instituto de Prevenção do Stress e Saúde Ocupacional, que além de incluir alojamento no hotel e tratamentos na Anima Corpus, inclui acompanhamento especializado, nomeadamente a nível psicológico (Coutinho, 2001).

Figura 9:
Golden Tulip
Caramulo
Hotel e Spa



CASA DOS ARCOS

A Casa dos Arcos foi edificada em 1940 e reabilitada em 2014, ao abrigo do Programa PRODER. Situada na Vila do Caramulo, dentro de uma rua muito sossegada e rodeada de vegetação jardinada, a Casa dos Arcos tem uma área total de 175m², com uma vista deslumbrante virada a sul para o vale da Serra da Estrela (Casa dos Arcos 2020).



Figura 10:
Casa dos
Arcos

CASA DO LAGAR MIRADOYRO

Localizada na aldeia de Jueus, a Casa do Lagar Miradoyro é o lugar ideal para quem procura turismo rural. De arquitetura rústica, dispõe de quatro quartos e três apartamentos com uma vista encantadora. Possui uma gastronomia riquíssima, sendo típica, e variada da Serra do Caramulo. É um ótimo refúgio para descansar e para quem procura experiências através da prática de atividades na natureza com parceria a Sportnatura.



Figura 11:
Casa do
Lagar do
Miradoyro

2.3.2 ATRAÇÕES NATURAIS OU DE LAZER

FORMAÇÕES ROCHOSAS

A serra toda conta com várias formações rochosas interessantes, como a “Cabeça do Judeu”, “Pedra do Equilíbrio”, “Cabeça da Velha”, “Cabeça do Cão”, o “Penedo da Longra” – como são conhecidas na região.

2.3.3 PERCURSOS PEDESTRES

Como uma das atividades mais praticadas de turismo de natureza, destaca-se o pedestrianismo que é uma atividade de categoria suave que remete a percorrer percursos a pé ao longo de caminhos e trilhas com “interesse paisagístico, cultural ou histórico” (Sousa, 2014, p. 23 cit. Santos e Cabral, 2005, p. 103).

A serra do Caramulo conta com várias rotas de percursos pedestres, de forma a conhecer as aldeias típicas da serra, a história, a fauna e a flora (Posto de Turismo do Caramulo, 2018):

1. ROTA DOS CALEIROS

Distância de 8,2 km em circuito com um nível de dificuldade médio. O início do percurso é uma das paisagens mais imponentes da Serra local onde se atinge o ponto mais alto de altitude com 1070m em uma duração total de percurso de 4 horas. O caminho está mais voltado para o contato com a natureza e beleza natural de um lugar que conserva grande tranquilidade e genuinidade. Percorrendo em destaque pelo Caramulinho, apreciando a paisagem da Serra do Caramulo, formações rochosas, capela de Jueus, calçada medieval, moinhos e água, fauna e flora. Nesse percurso acompanha-se o trajeto dos antigos caleiros (caleira de pedra, para encanamento de águas potáveis) que garantiam o abastecimento da água às povoações (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

2. ROTA DO LINHO

Distância de 9,2 km em circuito com duração de percurso de 6 horas com um nível de dificuldade médio alto. O ponto de partida para esse percurso é pelo Parque do Santuário do Coração de Maria, nesta fase inicial o percurso desenvolve-se pela encosta da Serra, usufruindo do seu melhor, o ar puro e belas paisagens. No Centro há acesso à exposição e execução ao vivo de trabalhos em linho, perceber como este se trabalha ao longo de todo o seu ciclo, mas também conhecer e adquirir alguns dos outros produtos artesanais do concelho. Ao longo do caminho, atravessando caminhos agrícolas, é possível observar também alguns campos de produção de linho, quedas de água, moinhos de água e a Capela da Senhora do Livramento (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

3. ROTA DOS LARANJAIS

Distância de 7,5 km em circuito com duração de percurso de 3 horas com um nível de dificuldade médio baixo. O percurso inicia-se no Parque do Coração de Maria, a natureza oferece uma grande diversidade de interesses, desde os campos cultivados que marcam as paisagens serranas, aos cursos de água com os moinhos a acompanhar-lhes as margens e a serra com paisagem de verdes, onde as manchas de laranjais dão cor, em época poderá escolher e colher a tradicional Laranja de Besteiros. A caminhada segue percorrendo a igreja Matriz de Castelões, Fonte Funda, Fonte de Chafurdo, capela N^a Senhora da Conceição e Sto. António, Quinta da Cruz, Cruzeiro de Vila de Rei e de Ribeiro e Capela de São Simão (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

4. ROTA DE SANTIAGO

Distância de 5,5 km em circuito com duração de 2 horas com um nível de dificuldade baixo. O Monte de S. Marcos é o início desse percurso. Uma das importantes vias, apesar das marcas do tempo, teve tanta relevância, que ficou até hoje associada a esta freguesia dando-lhe o seu nome, e o seu padroeiro: São Tiago. Durante o caminho se pode contemplar a Capela de São Marcos, Capela de Muna e Ponte de Portela. Esse percurso faz-se pelos caminhos que levaram peregrinos a Santiago de Compostela. A fachada da Igreja Matriz exibe de forma expressiva, o símbolo dos Caminhos de Santiago: uma concha de vieira (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

5. ROTA DOS MOINHOS

Distância de 5,2 km em circuito com duração de 2 horas com um nível de dificuldade baixo. O Centro de Acolhimento da Aldeia de Souto Bom é o ponto de partida da caminhada. Durante o caminho é notável exemplares de Carvalhos e Castanheiros numa presença impossível de ignorar. A passagem pelo relógio do sol leva-nos a admirar a forma expedita inteligente de medição do tempo pelos antepassados. O percurso segue pela Calçada do Vale do Moinho, e 7 Moinhos da Ribeira da Pena (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

6. ROTA DAS CRUZES

Distância de 8 km em circuito de aproximadamente 4 horas com um nível de dificuldade médio. O ponto de partida para este percurso é pelo Parque Jerónimo de Lacerda. Uma calçada que atravessa parte do parque leva aos primeiros caminhos florestais. Fazendo alguns pequenos desvios, pode-se visitar a Igreja Matriz Guardão, Cruzeiro (junto à Igreja Matriz), Caminho dos Cruzeiros, Pelourinho Janardo, casa da cadeia, Capela de S. Sebastião, S. Bartolomeu e de Sta. Luzia, Castro S. Bartolomeu, Festa das Cruzes, fauna e flora, Museu do Caramulo (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

7. ROTA DOS SANATÓRIOS

Distância 8 km num percurso circular de 4 horas com um nível de dificuldade médio. O ponto de partida desse percurso é pelo Museu do Caramulo. Um conceito ligeiramente diferente dos restantes, o percurso urbano é oferecido para conhecer mais sobre os sanatórios do Caramulo, passando por 16 sanatórios e uma pensão (Posto de Turismo do Caramulo, 2018).

8. MIRADOUROS DO CARAMULINHO E DO CABEÇO DE NEVE

O percurso para chegar ao topo da montanha é curto e rápido, no entanto, quem desejar caminhar e assim conhecer melhor a montanha tem a possibilidade de o fazer usando a “Rota dos Caleiros”, o monte desafia os seus visitantes a subir 284 degraus. Do Caramulinho os nossos olhos alcançam uma vasta cordilheira de serras, entre elas a serra da Estrela, a serra de Montemuro, a serra do Buçaco e, em dias sem nebulosidade, o mar em Aveiro. Outro ponto de interesse é o Cabeço da Neve, onde se pode avistar o vale de Besteiros e a Serra da Estrela ao fundo (Guia da cidade, 2020).

9. A RESERVA BOTÂNICA DE LOENDROS

Esta reserva foi criada em 1971 e está sob a tutela do Instituto da Conservação da Natureza, fica situada na povoação de Cambarinho, freguesia de Campia, concelho de Vouzela, distrito de Viseu no vertente noroeste da Serra do Caramulo. Nesta reserva situa-se uma das maiores concentrações de loendros em Portugal, que cobre de roxo os 24 hectares. Torna-se palco de um exuberante espetáculo de cor, com os loendros floridos, uma das raras espécies de crescimento espontâneo sobreviventes da flora do período geológico do Terciário (ICNF, 2019).



Figura 12:
Miradouro
Cabeço da
Neve



Figura 13:
Reserva
Botânica de
Loendros



Figura 14:
Cabeça do
Cão



Figura 15:
Miradouro do
Caramulinho

2.3.4 ATRAÇÕES CULTURAIS E GASTRONÔMICAS

OFICINA DO BUREL

Este projeto nasceu na escola E.B. 2,3 do Caramulo em parceria com o Agrupamento de escolas de Tondela Tomaz Ribeiro, assim foi possível criar esta oficina que está a funcionar com a colaboração da população local. O burel e a capucha, símbolos que melhor caracterizam a serra do Caramulo, são os elementos centrais desse projeto. A oficina pretende recuperar esses saberes ligados ao burel, e através desse conhecimento manufaturar produtos antigos como a capucha e outros que se inspirem na tradição, mas que assumam a modernidade e tenham interesse e utilidade nos dias de hoje (CEIS Caramulo, 2020).

MUSEU DO CARAMULO

Com o avanço da medicina e cientes que ditaria o fim do Caramulo, João e Abel Lacerda iniciam a procura de ideias para assegurar a sobrevivência da obra herdada. Com o objetivo de criar Caramulo num polo de atração cultural e artística, Abel Lacerda apaixonado pela arte, constrói um edifício e começa a reunir um núcleo de obras valiosas, sempre com elevado critério que vão desde o antigo Egito até Picasso.

COLEÇÃO DE ARTE

A coleção de arte reveste-se de uma enorme riqueza dadas as diferentes categorias, entre pintura, escultura, cerâmica e tapeçaria. O património artístico do Museu do Caramulo conta com obras de Pablo Picasso, Salvador Dali, Eduardo Malta, Vieira da Silva, Grão Vasco, Sousa Cardoso, Jean Lurçat, Raoul Dufy, Amadeo de Souza-Cardoso, Miró, tapeçarias de Toumai (século XVI) e muitos outros artistas, contando com um total de 500 peças (Museu do Caramulo, 2020).

COLEÇÃO DE AUTOMÓVEIS

João de Lacerda, apaixonado pelos automóveis, viu naquele vasto edifício a oportunidade de reunir e expor a sua coleção. Assim nasceu em 1959 e, pela primeira vez em Portugal, um Museu Automóvel.

COLEÇÃO DE BRINQUEDOS

Desde 2004, o Museu possui uma exposição permanente de brinquedos antigos e miniaturas de coleção. Esta coleção conta com mais de 3000 peças e cobre quase um século da história do brinquedo e do colecionismo, desvendando a evolução do brinquedo e das miniaturas através das suas várias fases e materiais (Museu do Caramulo, 2020).

CARAMULO MOTORFESTIVAL

Organizado pelo Museu do Caramulo com o Automóvel Club de Portugal, destinado aos automóveis e motociclos clássicos e desportivos, além da competição, une um conjunto de ações lúdicas e turísticas, sendo elas a Rampa Histórica do Caramulo, o Rally Histórico Luso-Caramulo, o Passeio Histórico Viseu-Caramulo, a Coleção de Automóveis, Motociclos, Velocípedes e Miniaturas do Museu do Caramulo, a Feira de Auto mobília do Caramulo, Concentrações de automóveis e motociclos clássicos no Caramulo (Clubes), parques infantis insufláveis, bares e zonas chill out com música durante todo o evento, entre outras. Essa imensa diversidade atrai não só os reais aficionados dos automóveis e motociclos, mas também para um vasto público, de famílias e turistas em geral (Museu do Caramulo, 2020).

SEMANA GASTRONÔMICA DO CABRITO

O evento é organizado pela Confraria Gastronómica do Cabrito e da Serra do Caramulo e pela Junta de Freguesia do Guardão, e conta com a participação de vários restaurantes locais. A gastronomia serrana tem como destaque a utilização do forno à lenha como fonte de calor na preparação do cabrito e a utilização de assadeiras de Barro Negro de Molelos no processo de assadura, que contribui para conferir paladares únicos e outros produtos da região, bem como o artesanato e os costumes tradicionais na Feira de Artesanato e produtos locais (Confraria Gastronómica do Cabrito e da Serra do Caramulo, 2020).

FESTA DO MEL DA SERRA DO CARAMULO

Todos os anos é realizada, pela Associação, a Festa do Mel que conta com animação musical, provas de mel, gastronomia regional, animação infantil para além da presença de inúmeros expositores no Parque de Festa da Santa Margarida na Vila do Caramulo.

FESTA DE VERÃO DA EMISSORA DAS BEIRAS

A festa, conhecida também como a Festa da Rádio, tem a particularidade de se realizar no Parque João Lacerda na vila do Caramulo, e serve sobretudo para que os ouvintes da Emissora das Beiras possam ouvir e ver os seus artistas preferidos e locutores.

CASA DOS SABORES E SABERES

Espaço de vendas e promoções de produtos locais, em especial os que são produzidos e confeccionados no Caramulo, como o mel, o cabrito, as laranjas do Vale de Besteiros, o linho de Múceres e nas capuchas. O espaço é localizado na área envolvente ao Museu do Caramulo e resulta de uma parceria entre o Município de Tondela, a ADICES (Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais e Sociais), a Junta de Freguesia do Guardão e a Confraria Gastronómica do Cabrito e da Serra do Caramulo (Câmara Municipal de Tondela, 2020).

2.3.5 ATIVIDADES TURÍSTICAS

ALDEIAS DA SERRA DO CARAMULO

Projeto que engloba os Municípios de Tondela, Vouzela e Oliveira de Frades, com os objetivos da criação de uma rota de aldeias da Serra do Caramulo e a criação de dois projetos âncora: a grande rota pedestre de interligação da rede de aldeias e três rotas que possam ser percorridas de bicicleta em ligação entre as ecopistas do Dão e do Vouga, Serra do Caramulo, vilas de Vouzela e Oliveira de Frades e cidades de Tondela e Viseu. O projeto também prevê a recuperação arquitetónica das aldeias, com obras em telhados, fachadas, calcetamento de ruas e mobiliário urbano (Câmara Municipal de Tondela, 2020).



Figura 16:
Coleção de
automóveis
do Museu do
Caramulo



Figura 17:
Coleção de
brinquedos
do Museu do
Caramulo



Figura 18:
Motor
Festival
Caramulo

03

TURISMO

- 3.1** Conceito e Definição
- 3.2** Tipos de Alojamentos em Portugal
 - 3.2.1** Empreendimentos de Turismo de Habitação
 - 3.2.2** Empreendimentos de Turismo Rural
- 3.3** Turismo de Natureza
- 3.4** Turismo na Região Centro
- 3.5** Motivações Turísticas

3.1 CONCEITO E DEFINIÇÃO

O conceito de turismo abrange a atividade de deslocamento e conhecer lugares diferentes de onde se vive habitualmente. A sua principal finalidade é prestar uma série de serviços a uma pessoa, que dedica o seu tempo livre a viajar. A definição de turismo de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT) refere-se às atividades realizadas por pessoas durante as suas viagens e estadias em lugares diferentes do seu ambiente habitual, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de férias, por negócios ou outros motivos.

O turismo é um fenómeno complexo que ganhou dimensão em grande escala recentemente (United Nations World Tourism Organization [UNWTO], 2018). Seus objetivos são: oferecer oportunidades justas e equitativas tanto na atualidade como no futuro; assegurar a satisfação máxima dos turistas; proteger o património; desenvolver oportunidades de emprego, infraestruturas e acessibilidades; encorajar novos usos para territórios ignorados e preservar a autenticidade e herança cultural (Beni, 2003; Ritchie & Crouch, 2003; Mbaiwa & Stronza, 2009).

O turismo, nas décadas de 60 e 70, foi uma das atividades que mais cresceu, fruto do desenvolvimento dos transportes aéreos e dos serviços turísticos e da generalização da prática turística a várias classes sociais, sem qualquer limite ou preocupação para com os seus impactos no ambiente (Straaten, 2000) e apenas considerando os seus impactos positivos na economia. Para além da relevância económica, impossível de negar, este setor constitui um agente de mudança em questão de globalização e modernidade, contribuindo para a valorização das áreas geográficas e culturas mais periféricas (Silva, 2013).

A estratégia para o setor do turismo, apresentada pelo Turismo de Portugal em 2017, aposta no envolvimento de toda a comunidade científica, tecnológica e empresarial, e afirma ser uma estratégia que pretende posicionar Portugal como um dos melhores destinos turísticos e sustentáveis do mundo, que promova o desenvolvimento económico, social e ambiental de todo o território, criando mais riqueza e postos de trabalho qualificado (Turismo de Portugal, 2017).

As perspectivas de crescimento do turismo global para o ano de 2020 eram bastante promissoras, o que mudou pelo surgimento e a acelerada propagação da pandemia do coronavírus e pelo isolamento social imposto pela mesma, fechamento de fronteiras, cancelamento de voos e a inserção de medidas restritas das atividades económicas, o que quase paralisaram o mercado turístico. O setor do turismo está tendo um impacto devastador e o seu retorno será longo e lento para a recuperação, considerando que ainda estamos sob distanciamento social. Os governos, para isso, estão concentrando seus esforços em aplicar novos protocolos de saúde para viagens seguras, restaurar a confiança do viajante com novos rótulos seguros e limpos para o setor e repensar que a crise é uma oportunidade para a economia do turismo no futuro.

3.2 TIPOS DE ALOJAMENTOS EM PORTUGAL

Espaços rurais são frequentemente identificados devido ao conteúdo arquitetónico, que no decorrer do tempo continuam a carregar uma história, e com eles o grande interesse em preservar esses tipos de valores. Surge então a criação do primeiro tipo de alojamento turístico em espaço rural, caracterizado pelo termo “Turismo de Habitação”.

3.2.1 EMPREENDIMENTOS DE TURISMO DE HABITAÇÃO

Esta categoria de alojamento é montada em imóveis antigos, característico das pessoas mais importantes da época e têm lugar em solares e palácios, habitualmente decorados com itens tradicionais, como: cristais, pratas, tapeçarias e quadros.

Existem dois aspectos referentes ao turismo de habitação que os diferem: de não poderem ultrapassar quinze unidades de alojamento e o proprietário, por norma, de residir no estabelecimento durante o seu período de funcionamento. Esses tipos de empreendimentos turísticos, dispondo das mesmas condições entre eles, podem ser classificados em categorias diferentes, isto é, pode haver uma auditoria feita pelo presidente da Câmara Municipal e segundo critérios discricionários e discriminatórios, surge uma classificação para tal imóvel (Abrantes & Cunha, 2013).

O conceito de Turismo de Habitação assume e valoriza a sua localização especificamente em espaço rural, a sua história, dimensão, acolhimento personalizado, doméstico e familiar e pelo convívio entre os visitantes e os residentes.

3.2.2 EMPREENDIMENTOS DE TURISMO RURAL

O empreendimento no espaço rural é uma das atividades mais bem colocadas para assegurar a revitalização do tecido económico rural. Trata-se do reaproveitamento de casas particulares com características próprias para fins de alojamento turístico, oferecendo assim um contato direto com o espaço rural e todas as suas vivências completas e diversificadas, que integra os componentes de alojamento, restauração, animação e lazer, baseado no acolhimento hospitaleiro e personalizado e nas tradições gastronómicas, do artesanato, da cultura popular, da arquitetura e da história.

O conceito de Turismo em Espaço Rural consiste num conjunto de atividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados mediante remuneração, em zonas rurais. De acordo com a Direção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), esse conceito abrange quatro modalidades de alojamento, designadas como casas de campo, turismo de aldeia, agroturismo e hotéis rurais.



Figura 19:
Casas de
Campo -
Monte Azul



Figura 20:
Turismo
de Aldeia
- Aldeia da
Pena



Figura 22:
Hotel Rural -
Herdade de
Malhadinha
Nova



Figura 21:
Agroturismo
Quinta
Lamosa

CASA DE CAMPO

São imóveis localizados em aldeias e espaços rurais, com características típicas da arquitetura local, pela traça e materiais de construção.

TURISMO DE ALDEIA

Quando cinco ou mais casas de campo, situadas na mesma aldeia são exploradas de uma forma integrada, por uma única entidade, são consideradas como turismo de aldeia.

AGROTURISMO

São empreendimentos de agroturismo os imóveis em explorações agrícolas que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos ali desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável.

HOTÉIS RURAIS

São os empreendimentos turísticos em espaços rurais, que cumpram os requisitos aplicáveis aos estabelecimentos hoteleiros, respeitem as características dominantes do local em que estão implantados, podendo instalar-se em edifícios novos ou integrarem uma entidade arquitetónica única respeitando as mesmas características.

3.3 TURISMO DE NATUREZA

O turismo de natureza é observado, como um conceito amplo e variado nas suas características, capaz de englobar várias dimensões como: o turismo ativo, o turismo de aventura, o ecoturismo, o turismo verde, o turismo alternativo, o turismo baseado na natureza ou responsável (Pigram & Jenkins, 1999; Sousa, 2014). Por esse motivo, torna-se desafiador estabelecer os limites da sua abrangência e diferenciar as tipologias que compreende. Pigram e Jenkins (1999), citando HaySmith e Hunt (1995), definem o turismo de natureza como uma forma de viajar para espaços naturais procurando a fruição da biodiversidade e das paisagens naturais, tanto por objetivos de aprendizagem e interpretação como por pura recreação.

Soifer (2008, p.13) interpreta o turismo de natureza como uma importante alternativa de desenvolvimento sustentável que utiliza os recursos naturais sem os comprometer. Coghlan e Buckley (2013) descrevem o turismo de natureza como turismo que ocorre na natureza, englobando todos os tipos de turismo onde os valores intocados ou puros representam a principal atração. Sousa (2014) menciona alguns objetivos gerais do turismo de natureza como a facilitação da visita dos espaços naturais, a contribuição para a conservação ecológica e a disponibilização de informação sobre os valores naturais aos turistas de forma a proporcionar uma experiência mais completa, autêntica e sustentável. Identifica como 4 pilares o “planeamento dos recursos, a inovação/diferenciação, a qualidade da oferta e a qualificação profissional” (Sousa, 2014, p. 17 cit. Nunes, 2008, p. 31).

Depois de investigar alguns autores, notasse que, o turismo de natureza se concentra no que pode ser considerado a sua maior ramificação: o ecoturismo. Ecoturismo é a visita

responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e o bem-estar das populações locais (Lindberg & Hawkins, 1996).

Também pode ser entendido como um meio de alcançar o desenvolvimento sustentável das regiões que ainda hoje apresentam importantes conjuntos naturais, de grande valor ecológico e paisagístico e como estratégia de conservação de culturas tradicionais. (Neiman, Z., & Mendonça, R. 2000).

A Natureza sempre atraiu e fascinou o ser humano (Newsome, Moore & Dowling, 2012).

O Turismo de Natureza em Portugal foi definido em 1998 com a publicação da Resolução do Conselho de Ministros nº 112/98, de 25 de Agosto, sendo criado o Programa Nacional de Turismo de Natureza (PNTN). Tem como objetivo principal as atividades de lazer ligadas à natureza de uma forma ambiental, social, cultural e economicamente sustentável (Ante-Mare, 2005, p. 9). Em 2015 foi revogado e alterado, pois a sua aplicação era limitada às áreas protegidas. O mais recente Programa Nacional de Turismo de Natureza tem como finalidade a promoção e afirmação dos valores e potencialidades das áreas classificadas e de outras áreas com valores naturais e culturais, proporcionando a criação de produtos e serviços turísticos inovadores e sustentáveis dos municípios alcançados por aquelas áreas, e expandir a integração e sustentabilidade dos seguintes domínios: conservação da natureza, desenvolvimento local, qualificação da oferta turística, diversificação da atividade turística e divulgação e valorização do património cultural (Diário da República, 2015).

Após a definição de alguns autores, considera-se que o turismo de natureza abrange qualquer segmento do turismo que ocorre em áreas predominantemente naturais com objetivo de apreciar e desfrutar a natureza através de atividades e experiências diretamente relacionadas com os

recursos naturais.

O setor de Turismo de Natureza, segundo a OMT, cresce no mundo com cerca de 20% da procura internacional, (Soifer, 2008, p. 12). Efetivamente, as viagens estimuladas pelo desejo de apreciar, desfrutar e interagir com a natureza têm aumentado em todo o mundo.

No Plano Estratégico Nacional do Turismo de 2013 (PENT) foram identificados os seguintes fatores de competitividade de Portugal para este produto:

- As áreas protegidas são formadas por 23% do território português, o que revela valores naturais e de biodiversidade da fauna, flora e da qualidade paisagística e ambiental;
- Paisagens diversificadas e grande variedade de habitats naturais a curta distância – habitats de montanhas e florestas, rios e estuários, sapais, escarpas, montados de sobro, planícies cerealíferas, lagoas e arribas costeiras, pauis, ilhas e ilhas barreiras, etc.;
- Recursos qualificadores do destino – raça de cavalos lusitanos e de garranos no Gerês, coudelaria de Alter, observação de mamíferos marinhos, diversidade de aves, levadas e floresta Laurissilva da Madeira e paisagens da serra de Sintra e Douro, classificadas como património mundial natural pela UNESCO.

Portugal é nitidamente um destino para a prática de atividades de Turismo de Natureza, visto à quantidade e qualidade dos seus recursos. Além de dispor de uma situação geográfica, climática, paisagística e patrimonial de excelência, também dispõe de uma enorme variedade de paisagens e grande diversidade de habitats naturais, e constitui assim um destino de elevado potencial para a prática de atividades de Turismo de Natureza (Oliveira, 2013). É importante destacar que cerca de 21% do território português é formado por áreas

classificadas com fortes valores naturais e de biodiversidade da fauna, flora e da qualidade paisagística e ambiental (Instituto da Conservação da natureza e das Florestas [ICNF], 2020).

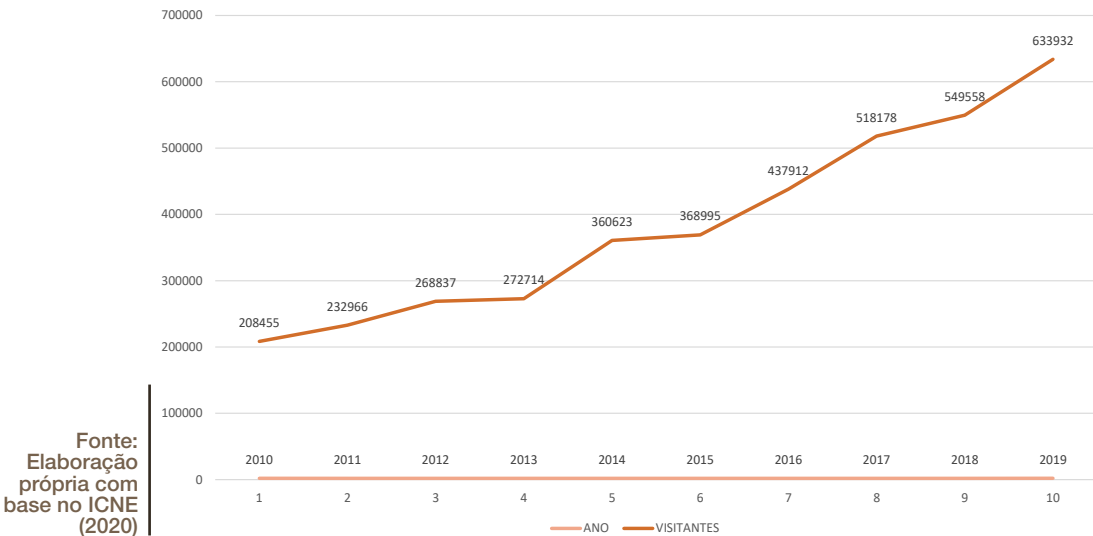
A crescente procura da sociedade atual levou com que essa forma de turismo fosse considerado um produto turístico estratégico para Portugal, e com isso foi inserido na Estratégia do Turismo para 2027 (Turismo de Portugal, 2017).

Cada vez mais, os turistas se atraem pelos valores naturais, pela história e cultura local. No gráfico seguinte é possível visualizar esta tendência, com o aumento do número de visitantes das Áreas Protegidas.

No gráfico houve um aumento até o ano de 2014, e que no ano seguinte ficou estagnado. Nos anos seguintes é possível perceber a evolução até 2019.

Esse tipo de turismo é capaz de desenvolver-se e manter numa região indeterminadamente, sem causar impactos ambientais negativos e sem impedir o desenvolvimento sustentável e o bem-estar das comunidades e de outras atividades económicas (Jafari, 2000; Wearing & Neil, 2009). Para tal, a atividade turística de natureza deve complementar as economias locais ajudando a diversificar e a promover o crescimento e o desenvolvimento regional.

GRÁFICO 01 - NÚMERO DE VISITANTES EM ÁREAS PROTEGIDAS ENTRE 2010 E 2019.



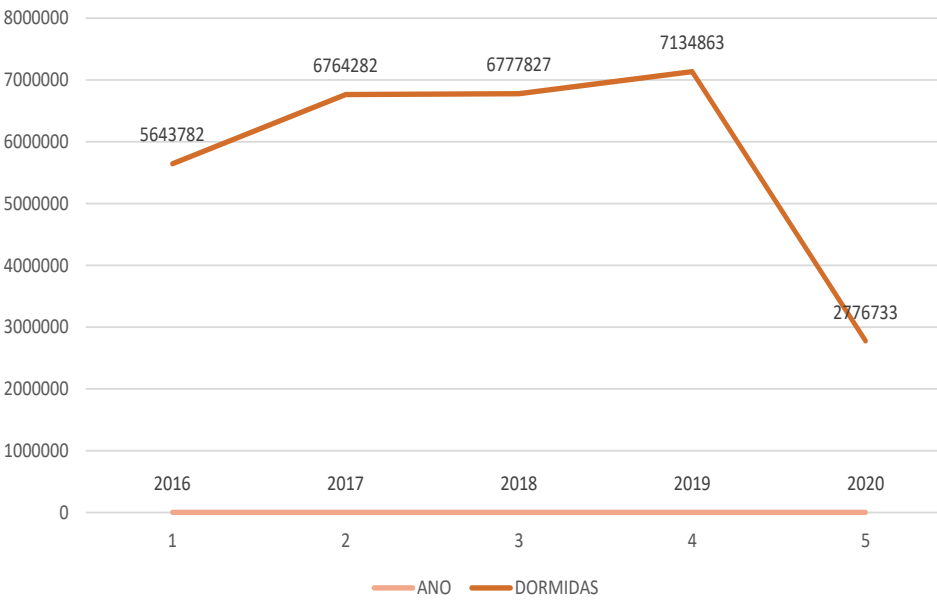
3.4 TURISMO NA REGIÃO CENTRO

A Região Centro está delimitada ao norte pela Região Norte, ao leste com a Espanha, ao sul com o Alentejo e Região de Lisboa, e ao oeste com o vasto Oceano Atlântico. É a maior região em território e diversidade, uma região de contraste que oferece desde praias, montanhas, campos de golfe, monumentos históricos e até religião (com o Santuário de Fátima).

A tradição, preservação de usos e costumes bem antigos é traço comum por toda a região, quer nas cidades mais desenvolvidas, como Coimbra, Leiria ou Viseu, ou nas Aldeias de Xisto, perdidas nas montanhas, ou mesmo por entre as localidades cobertas de alva neve, na Serra da Estrela.

Apesar de todo esse potencial, a região centro em termos de turismo ainda tem muito para crescer. O potencial de desenvolvimento turístico de uma região deriva dos seus recursos, mas o seu crescimento depende da capacidade de os valorizar e potencializar (Cunha, 2008).

GRÁFICO 02 - DORMIDAS NA REGIÃO CENTRO ENTRE 2016 E 2020.



3.5 MOTIVAÇÕES TURÍSTICAS

“A motivação fundamental de viajar é a necessidade de romper com a rotina, anseio esse quase sempre materializado pelo deslocamento físico para lugares (destinos) diferentes do local de residência. Se essa atitude é a verdadeira essência do turismo, a paisagem é o fator que melhor indica ao turista essa tão desejada mudança de lugar.” (Pires, 2001, apud Oliveira e Vieira 2012:10)

Os motivos que nos levam a viajar para determinados locais variam, desde um local que já se conhece, porque se tem boas recordações naquele local ou a descoberta de um local novo por indicação. Variam de acordo com o que se procura em determinada época da vida, com a estabilidade financeira e até emocional. No sentido de entender o que leva os turistas a escolher um lugar em vez do outro, Morgan (2002, apud Marques 2011) referem que, no mercado atual, o fator que motiva os turistas a visitar ou revisitar um lugar, é muitas vezes, sentirem-se emocionalmente ligados ao destino. O sucesso de um destino turístico caracteriza na melhor resposta para as necessidades dos turistas. A procura de descanso, novas experiências, se divertir e fugir do stress são algumas dessas necessidades mais comuns. Da mesma forma, os turistas são movidos pela vontade de conhecer novas pessoas, ou passar mais tempo com alguém mais próximo, e encontram no destino esse tipo de possibilidades.

As motivações são normalmente definidas como forças sócio-psicológicas que predispõem o indivíduo a viajar e participar em atividades turísticas (Crandall, 1980).

Para compreender as motivações dos turistas, a Teoria da Pirâmide das Necessidades de Maslow (1954) – mostrada na Figura 23 – é uma teoria imensamente exercitada para esclarecer sobre o comportamento dos turistas. Conforme o seu conceito, uma necessidade é substituída pela seguinte na medida em que começa a ser satisfeita, sendo a necessidade fisiológica, portanto, a mais forte, a mais básica e essencial, enquanto a necessidade de autorrealização é a mais fraca na hierarquia. As necessidades de um ser humano, segundo Maslow, são colocadas em hierarquia, pois uma necessidade insatisfeita poderá influenciar o bem-estar relativamente à outra, como por exemplo, a insatisfação da necessidade fisiológica pode levar a insatisfação das necessidades sociais.

Outro dos modelos sobre motivação turística é aquele que divide a motivação em duas grandes forças: push e pull de Dann (1981). Os fatores push (empurra) são definidos por uma força que leva o turista para fora de casa e está diretamente relacionado com a necessidade que o turista tem em viajar. Já os fatores pull (puxa) é uma força exterior constituída pelas particularidades e atrativos que influenciam na escolha do turista ao destino da viagem. (Dann G. M., 1981; Crompton J. , 1979).

A motivação turística pode ser definida como “a rede integradora global de forças biológicas e culturais que dá valor e direção às escolhas de viagem, comportamento e experiência” (Morrison, Pearce, & Rutledge, 1998). Esses mesmos autores traçam algumas tendências de motivações turísticas, das quais estão diretamente ligadas ao turismo de Natureza: motivo para experimentar o ambiente, descansar e relaxar, motivo para buscar interesses e habilidades especiais (mergulho, pesca) e para ser saudável.

Uma escapada do meio urbano para a contemplação da natureza, para Cunha (2003) consiste na principal motivação para o Turismo de Natureza.

A motivação é um conceito multidimensional mesmo no que refere a Turismo de Natureza e outras formas alternativas de turismo associadas (Silva, 2011).



04

REABILITAÇÃO

4.1 Princípios da reabilitação

4.2 Níveis de intervenção

4.3 Programas de apoio a Reabilitação Urbana

O conceito de reabilitação envolve a ação de conservação e restauro, tanto estético como histórico. Essas intervenções definem um diálogo entre o passado e o futuro, e devem permitir satisfazer os níveis de desempenho e exigências funcionais contemporâneas, criando uma harmonia entre a identidade original e a atual (Oliveira, 2012).

A Carta de Lisboa (1995) define reabilitação como as obras que visam a recuperação e a melhoria de uma construção, uma vez resolvidas todas as anomalias construtivas, funcionais, de higiene e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo uma modernização que visa o desempenho das suas funções, aproximando-se dos atuais padrões de exigência, reorganizando espaços interiores, mantendo o esquema estrutural e o aspecto exterior original.

O Regime Jurídico da Reabilitação Urbana (RJRU, 2009) define reabilitação sendo a forma de intervenção destinada a conferir adequadas características de desempenho e de segurança funcional, estrutural e construtiva a um ou a vários edifícios, com vista a permitir novos usos ou o mesmo uso com padrões de desempenho mais elevados.

Sendo assim, a reabilitação tem como finalidade preservar e valorizar o edifício existente solucionando eventuais danos físicos, construtivos e ambientais, integrando tanto quanto possível as exigências funcionais de modo a proporcionar melhores condições aos utilizadores e promovendo práticas sustentáveis e respeitando o que já existe. Caso não sejam alvo de intervenção, podem ser conduzidos ao abandono e posteriormente ao seu declínio.

4.1 PRINCÍPIOS DA REABILITAÇÃO

Nesse contexto os três principais princípios da reabilitação de acordo com Sousa (2016, p. 41), destaca-se por:

- **Autenticidade;**
- **Compatibilidade;**
- **Reversibilidade.**

Desse modo, deve-se seguir um método técnico que respeita (Sousa, 2016, pp. 41-42):

- As características tipológicas e morfológicas que refletem a arquitetura onde a construção está inserida;
- As condições de higiene, conforto e segurança estrutural e construtiva;
- Os padrões qualitativos descritos no Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU);
- Maior reutilização possível dos elementos estruturais e materiais existentes. Ocasionalmente a combinação entre as técnicas modernas com as antigas pode conduzir a presença de patologias diferentes das que foram detectadas antes da ação de reabilitação;
- As soluções utilizadas devem ser compatíveis com as técnicas e materiais existentes, de forma a respeitar as características da construção, garantindo também uma fácil identificação do que é antigo e novo;
- Não comprometer a possibilidade de intervenções futuras.

A reabilitação difere-se de processos bastante distintos, que varia desde alguns casos em que se trata de uma alteração de uso e tende a analisar todas as medidas necessárias para o efeito, e em outros onde é necessário ampliar a área de um imóvel colocando a questão técnica de melhorias, por vezes um estágio de degradação muito avançado de uma edificação, obriga a uma reconstrução total ou parcial da construção. Há casos de remodelação de interiores, e por fim, casos de restauro ou conservação de um imóvel, dado o seu valor patrimonial.

4.2 NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

1. Nível 1 – Reabilitação Ligeira

Este nível engloba a execução de pequenas reparações e beneficiações das instalações e equipamentos já existentes, melhoria das condições interiores de iluminação, ventilação e exaustão, a limpeza e a manutenção geral da cobertura, a reparação de elementos dos sistemas de águas pluviais e a substituição pontual de telhas. Engloba a reparação de anomalias nos rebocos e as pinturas interiores e exteriores do edifício, bem como a reparação da caixilharia e eventual beneficiação das instalações elétricas e de iluminação artificial existente. Não é necessário o realojamento das pessoas que habitam.

2. Nível 2 – Reabilitação Média

Este nível de reabilitação engloba tudo do que foi referido no ponto anterior. Engloba a reparação ou a substituição parcial de elementos de carpintaria, a reparação de alguns elementos estruturais, pavimentos e cobertura, a reparação generalizada dos revestimentos internos e externos de paredes e tetos, substituição das instalações elétricas, melhorias das partes comuns do edifício, ligeiras alterações nas formas existentes de organização dos espaços e a melhoria das condições funcionais e ambientais dos espaços e dos equipamentos existentes. Durante esse tipo de intervenção, em alguns casos, é necessário o realojamento provisório dos habitantes.

3. Nível 3 – Reabilitação Profunda

A reabilitação profunda envolve alterações mais intensas na distribuição e na organização nos espaços internos dos edifícios. Engloba reabilitação de edifícios antigos, a reparação de elementos construtivos deteriorados, espaços para criar instalações e equipamentos em falta, como instalações sanitárias ou a reorganização funcional das cozinhas. A profundidade descrita desse tipo de trabalho implica na aplicação de novos materiais e soluções construtivas e obriga a desocupação do edifício, sendo necessário realojar os moradores.

4. Nível 4 – Reabilitação Excepcional

Este nível de intervenção corresponde à reconstrução total do edifício, o que obriga a substituição ou reforço dos elementos estruturais, com o objetivo de aumentar o seu nível de segurança. Esse tipo de intervenção ultrapassa o custo de uma nova edificação. Caso o custo não justifique a operação de reabilitação, é necessário considerar a substituição do edifício por uma nova construção, sendo bem enquadrada nos valores culturais e contexto do local.



“Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado de plenitude que não poderá ter existido em nenhum momento.”

(Eugène Viollet-le-Duc)

4.3 PROGRAMAS DE APOIO À REABILITAÇÃO URBANA

O Estado criou apoio financeiro para incentivar a atividade de manutenção e recuperação dos edifícios para os municípios, os senhorios e proprietários. Os investimentos irão ajudar a gerar oportunidades significativas para diversos setores e atividades em termos de rendimento e emprego.

Em seguida, é feita uma breve descrição dos programas de incentivo à reabilitação, cada um com meios distintos patrocinados pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU).

RECRIA

O Regime Especial de Comparticipação na Recuperação de Imóveis Arrendados tem o objetivo de apoiar financeiramente a execução de obras de conservação e beneficiação de imóveis arrendados e ocupados em estado de degradação. Esse programa é regulado pelo Decreto-Lei n.º 329-C/2000 de 22 de Dezembro e o financiamento é concedido pelo Estado e pelos municípios. Essa lógica de apoio centrada nos arrendamentos, foi o resultado dos problemas urbanos e habitacionais, tais como o declínio da população vivendo nas cidades e o crescente aumento do número de habitações vagas. Dessa forma, essa alteração visa a dinamização do mercado de arrendamento e tenta ser um incentivo à reabilitação de edifícios abandonados.

REHABITA

O Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas foi criado com o objetivo de apoiar na recuperação de centros históricos ou áreas de recuperação e reconversão urbanística. Distingue-se dos outros programas por não se restringir a um edifício isolado, mas sim a uma escala urbanística. Funcionando como uma extensão do RECRIA, quando integradas às obras comparticipáveis pelo RECRIA, têm uma percentagem adicional de 10% a fundo perdido, suportadas pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) e pelos municípios envolvidos. O financiamento no âmbito deste programa destina-se à execução de obras de conservação, beneficiação ou reconstrução de edifícios habitacionais, bem como ações de realojamento temporário

ou definitivo delas recorrentes. O acesso ao REHABITA implica a celebração de acordos de colaboração entre o IHRU, as Câmaras Municipais e outras instituições de crédito autorizadas. Este programa é regulado pelo Decreto-Lei n.º 105/96, de 31 de Julho, com as alterações aplicadas pelo Decreto-lei n.º 329-B/2000, de 22 de Dezembro.

RECRIPH

O Regime Especial de Comparticipação e Financiamento na Recuperação de Prédios Urbanos em Regime de Propriedade Horizontal foi estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 106/96 de 31 de Julho e a Portaria nº 711/96, de 9 de Dezembro com o objetivo de apoiar financeiramente a execução de obras de conservação nas partes comuns de edifícios constituídos em modo de propriedade horizontal.

O RECRIPH é dirigido às administrações de condomínio e a condôminos de edifícios que sejam compostos pelo menos por quatro frações autónomas e que tenham sido construídos até a data de entrada do RGEU, Decreto-Lei n.º 38382, de 7 de abril de 1951, após essa data, somente se tiverem licença de utilização até 1 de janeiro de 1970.

SOLARH

O Programa de Solidariedade e Apoio à Recuperação de Habitação permite formas de empréstimos sem juros por parte do IHRU para a realização de intervenções em habitação própria permanente de indivíduos ou agregados familiares que preencham as condições previstas no Decreto-Lei n.º 39/2001, de 9 de Fevereiro, em habitações devolutas de que sejam proprietários os municípios, as instituições particulares de solidariedade social, as pessoas coletivas de utilidade pública administrativa que prossigam fins assistenciais, e as cooperativas de habitação e construção. O empréstimo a conceder pelo IHRU pode atingir um valor máximo de €11.971,15 por obra. Este programa é regulado através do Decreto-Lei n.º 39/2001, de 9 de Fevereiro, sujeito as alterações estabelecidas pelo Decreto-Lei n.º 25/2002, de 11 de Fevereiro.

PROHABITA

O Programa de Financiamento para Acesso à Habitação estabelece um regime de acesso a financiamentos destinados ao realojamento de populações que vivam em situação de carência habitacional, no território nacional, mediante a celebração de acordos de colaboração entre os Municípios ou Associações de Municípios e o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (Portal da Habitação, 2020). No decreto-lei nº 135/2004 “são consideradas situações de grave carência habitacional, os casos de agregados familiares que residem permanentemente em edificações, partes de edificações ou estruturas provisórias, caracterizadas por graves deficiências de solidez, segurança, salubridade ou sobrelotação, bem como as situações de necessidade de alojamento urgente, definitivo ou temporário, de agregados familiares sem local para habitar em virtude da destruição total ou parcial das suas habitações ou da demolição das estruturas provisórias em que residiam” (Portal da Habitação, 2020). Este programa foi aprovado pelo Decreto-Lei nº 135/2004, de 3 de Junho, e revisto pelo Decreto-Lei nº 54/2007, de 12 de Março.

PER

O Programa Especial de Realojamento tem o objetivo de eliminar as barracas das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, procedendo ao realojamento em locais com condições decentes. Este programa possibilita aos municípios a construção, aquisição ou arrendamento de habitações destinadas ao realojamento necessários para arrendamento ou compra. Sendo ainda possível, a atribuição de apoios financeiros para a reabilitação de casas ou de prédios devolutos, propriedade das entidades beneficiárias, ou para a aquisição de prédios ou fogos devolutos e pagamento do custo das referidas obras de recuperação, quando casas ou prédios se destinem também a realojamento de famílias recenseadas no PER (Decreto-Lei n.º 271/2003). Decreto-Lei nº. 163/93, de 7 de Maio, mas sujeito às alterações efetuadas através do Decreto-Lei n.º 271/2003, de 28 de Outubro.

PRODER

O Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER) é um instrumento estratégico e financeiro de apoio ao desenvolvimento rural do continente. A Portaria n.º 521/2009, de 14 de Maio, estabelece a medida “Melhoria da Qualidade de Vida”, que tem por objetivo valorizar o património rural e aumentar a acessibilidade da população aos serviços essenciais, integrando a uma ação de “Conservação e valorização do património rural”. Essa ação tem o objetivo de valorizar o património rural construído, com exceção do património histórico e monumental classificado, de modo a recuperar práticas e tradições culturais. A reabilitação dos edifícios rurais promove o turismo rural, procedendo a uma revitalização das aldeias.

A Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa, realizada na Espanha em 1982, é um dos principais documentos publicados pelo Conselho Europeu, quanto à proteção do património arquitetónico. A conservação pode ser feita com base em diferentes tipos de intervenção como controle ambiental, manutenção, reparação, renovação e reabilitação, como referido anteriormente. Contudo, todos os atos têm de ser precedidos de um estudo, de modo que as ações de intervenção respeitem a função e identidade do edificado, considerando sempre a sua reversibilidade (Pimentel, 2005).

- 5.1** Aldeia da Pedralva
 - 5.1.1** Enquadramento
 - 5.1.2** Intervenção
- 5.2** Aldeia de Quintandona
 - 5.2.1** Enquadramento
 - 5.2.2** Intervenção
- 5.3** Casas do Côro - Marialva
 - 5.3.1** Enquadramento
 - 5.3.2** Intervenção

Figura 24:
Mapa de
Portugal e
localização
das aldeias
estudadas



5.1 ALDEIA DA PEDRALVA

5.1.1 ENQUADRAMENTO

A aldeia da Pedralva está localizada em Vila do Bispo, no Algarve e se beneficia de uma localização privilegiada. Encontra-se entre o Parque Natural do Sudoeste Alentejano com mais de 120 km² de áreas verdes e a Costa Vicentina. A aldeia que em tempos teve mais de 100 habitantes, quando se deu início ao processo de desertificação era habitada por apenas 7 moradores e possuía um conjunto de 50 casas em estado de ruínas e desabitadas (Aldeia da Pedralva, 2020).

Tudo começou em 2006, quando um empresário que pretendia comprar uma casa de férias num sítio calmo e próximo do mar, encontrou a aldeia e percebeu o seu potencial turístico. Juntou-se com 3 amigos para criarem a empresa de surf com a finalidade da reconstrução da aldeia e a oferta de um produto turístico de qualidade. Durante dois anos, entre 2006 e 2008, a aldeia passou por um processo de aquisição de 30 casas, o que foi necessário um grande investimento ao longo do processo de compra, pois os edifícios tinham mais de 200 proprietários, de várias nacionalidades: portugueses, alemães e ingleses.

Após a fase de aquisição das casas, começaram as obras de reabilitação com o objetivo que se mantivesse o aspecto mais próximo do original (Aldeia da Pedralva, 2020). O projeto da Aldeia da Pedralva criou empregos diretos e indiretos o que a posiciona como turismo de aldeia ativo, que disponibiliza aos clientes: aulas de surf, BTT, percursos pedestres, golfe, passeios de burro, observação de aves, pesca em alto mar, horta e roteiros gastronômicos e culturais.

A aldeia é composta de um restaurante, uma mercearia, um espaço equipado na antiga escola primária com meios audiovisuais e um Apple Training Center que disponibiliza cursos e workshops. Além do cuidado de manter a identidade original das casas, os responsáveis do empreendimento procuram um equilíbrio de relações entre o turismo e os habitantes locais, o que realça a importância de a aldeia ter uma vida para além da parte turística (Martins, 2010).

Figura 25:
Pedralva
em ruínas
antes das
intervensões



Figura 26:
Pedralva
depois das
intervensões



Figura 27:
Edifícios
em total
degradação



Figura 28:
Edifícios
restaurados



Figura 29:
Antes da
intervenção
no Largo do
Chafariz em
Pedralva



Figura 30:
Depois da
intervenção
no Largo do
Chafariz em
Pedralva



5.1.2 INTERVENÇÃO

Antes da intervenção, as casas estavam abandonadas e em ruína. Tinham infiltrações pelo telhado e as portas e janelas estavam em mau estado de conservação. Não tinham saneamento básico e as redes de abastecimento de água e elétrica estavam degradadas. Os arruamentos eram de terra batida, o espaço público estava em mau estado, a iluminação pública era muito fraca e não havia espaços de lazer de qualidade.

A Câmara percebeu a importância deste projeto e se responsabilizou pelas intervenções nos espaços públicos, pavimentação dos arruamentos, criação de espaços verdes, mobiliários urbanos, a implementação das redes de águas pluviais, residuais e de abastecimento de água e a renovação da rede elétrica e telefônica. Nas intervenções das casas, optaram sempre pela manutenção dos materiais existentes e, quando não era possível, recorreu-se a estruturas de betão armado e tijolo. A estrutura de madeira original do telhado foi aproveitada, quando se encontrava em bom estado de conservação, e pintada em cores vivas. Também recebeu isolamento térmico, subtelha e por fim telha caleira. Para manter o aspecto rústico das telhas, teve de procurar telhas usadas para complementar com as recuperadas (Martins, 2010).

A maior parte das paredes das casas em adobe foi mantida por ser um material resistente. Porém quando necessária a reconstrução de uma parede, recorreu-se a uma estrutura de betão armado e bloco cerâmico. Algumas das edificações apresentavam um pé-direito alto e, de forma a reduzir, construiu-se uma laje de piso aligeirada. Todas as paredes internas e externas foram rebocadas e pintadas, e os pavimentos foram revestidos com azulejo hidráulico. A decoração foi pensada para ser simples e todo o mobiliário vem do aproveitamento do que já existia.



Figura 31: Quarto de casal em uma das casas do empreendimento



Figura 32: Interior da casa depois das intervenções



Figura 33: Dormitório onde a principal intervenção passou pela pintura

5.2 ALDEIA DE QUINTANDONA

A aldeia de Quintandona é uma pequena aldeia situada ainda próxima dos grandes centros urbanos, a 30 km do Porto, pertencente à freguesia de Lagares e concelho de Penafiel. Foi recuperada a partir de 2005, graças aos fundos europeus e contribuições dos seus poucos habitantes, aproximadamente 60, com idade média de 30 anos. Hoje consiste numa aldeia típica preservada, com beleza e arquitetura singulares. Característica pela combinação do xisto, com granito amarelo e ardósia, e a paisagem agrícola e florestal (da Silva Santos, 2013).

5.2.1 ENQUADRAMENTO

A aldeia se desenvolveu e cresceu dispersa, com casas construídas junto aos arruamentos. O resto do espaço livre é preenchido por campos agrícolas e por floresta. O núcleo mais concentrado é encontrado ao sul, onde é composto pelas casas mais recentes que já não possuem a arquitetura típica da aldeia. A aldeia de Quintandona apresenta grandes potencialidades de desenvolvimento turístico, grande atividade cultural da aldeia, que acontece todo terceiro fim de semana de Setembro, é a Festa do Caldo, festa típica onde se servem caldos tradicionais da aldeia e onde se recria em pleno século XXI um espaço e um tempo próprios das décadas de 1950 e 1960, nas quais o caldo era a base da alimentação da população rural portuguesa (da Silva Santos, 2013).

Para além das iguarias, os visitantes podem assistir aos espetáculos de música e teatro de rua e participar em jogos tradicionais. Na aldeia existe ainda uma capela, com mais de 200 anos, dedicada a S. João Batista e a Nossa Senhora da Conceição, um cruzeiro, um lavadouro, um fontanário, um centro cultural e um dos melhores bares de vinho de Portugal (My Travel Stories, 2020).

Apesar deste estudo de caso abranger poucas casas usadas para fins turísticos, foi escolhido pelo fato de praticamente todas as casas e o próprio espaço público estar em ótimo estado de conservação e preservarem os traços típicos da aldeia.

Figura 34:
Rua da
aldeia de
Quintandona



Figura 35:
Capela S.
João Batista
e Nossa
Senhora da
Conceição



Figura 36:
Casa da
Viúva – Festa
do Caldo



Figura 37:
Largo do
Pelourinho



Figura 38:
Exterior da
casa da
viúva



5.2.2 INTERVENÇÃO

O projeto reconstruiu e adaptou uma antiga casa de caseiro para alojamento turístico, a Casa Valxisto, com capacidade de alojamento para 20 pessoas, permitindo aos turistas atividades como jogos tradicionais, pinturas em pedras de xisto, atividades rurais, passeios de turismo de natureza, atividades de desporto no Rio Sousa e um espaço de venda de produtos regionais.

As pequenas reparações são os móveis e objetos carregados de histórias das pessoas que habitaram a casa, como a masseira, a leiteira, a cestinha dos ovos, o banco da lareira, a bicicleta e a janela.



Figura 39:
Casa
Valxisto



Figura 40:
Objeto
decorativo
na Casa
Valxisto



Figura 41:
Exterior
da Casa
Valxisto



Figura 42:
Um dos
quartos
na Casa
Valxisto

5.3 CASAS DO CÔRO - MARIALVA

Localizadas na transição do Douro com a Beira Alta, junto ao Castelo de Marialva, as Casas do Côro são um projeto familiar, pensado por Paulo Romão e sua esposa Carmen, há duas décadas. Trata-se de um conjunto de casas históricas revitalizadas e decoradas, iniciou-se por reabilitar 6 quartos e posteriormente, o núcleo foi alargado contando agora com 31 casas turísticas. Marialva é constituída por três núcleos: a Cidadela no interior do Castelo, o Burgo, nas imediações do Castelo, e a Devesa, situada ao sul e que se estende pela planície e assenta sobre a antiga cidade romana (Coutinho, 2013).

5.3. 1 ENQUADRAMENTO

O empreendimento para além de ser responsável pela reabilitação de algumas casas tradicionais e do espaço envolvente, impulsionou economicamente a região tendo taxas de ocupação elevadas todo o ano. O Castelo e as Igrejas de São Tiago e de São Pedro são alguns exemplos de monumentos que despertam interesse tal como as históricas aldeias ao entorno: Almeida, Castelo Mendo, Castelo Rodrigo e Linhares (Martins, 2010).

O empreendimento oferece inúmeras atividades aos clientes, tais como, piscina exterior de água aquecida e com sistema de natção contra a corrente e com vista para o castelo, jacuzzi, sauna, percursos pedonais, esportes náuticos, cruzeiros no Douro, passeios de balão, prova de vinhos do Porto, feiras tradicionais e fins-de-semana temáticos (vindimas e apanha da azeitona). Por se encontrar a aproximadamente 800 metros de altitude permite uma visão panorâmica da região em qualquer ponto do empreendimento. Disponibiliza também espaço para reuniões, festas, centro de negócios, baby-sitting, posto de turismo, bar, parque de estacionamento e uma loja que vende produtos típicos da região, entre eles, compotas, doces, amêndoas, mel, vinagres aromáticos, vinho e azeite.

Figura 43:
Em primeiro
plano o
Arrabalde,
seguido pela
Cidadela e
ao fundo a
Devesa



Figura 44:
Casa do Côro
antes da
intervenção



Figura 45:
Casa do Côro
depois da
intervenção



Figura 46:
Casa da
Torre do
Relógio
antes da
intervenção



Figura 47:
Casa da
Torre do
Relógio
atualmente



5.3.2 INTERVENÇÃO

O projeto foi realizado pelos arquitetos Pedro Brígida e Alice Faria que, coordenaram a reabilitação respeitando a arquitetura e formas tradicionais das casas, na sua maioria térrea e em granito e projetaram novos edifícios. Os novos elementos mesmo sendo assumidamente atuais, os arquitetos procuraram fazer um equilíbrio entre o que era original e o que agora se propôs, não se tratando de uma cópia formal exata.

A decoração ficou a cargo dos proprietários Carmen e Paulo Romão. As casas em sua maioria, foram revestidas por dentro com isolamento térmico e acabamento em madeira. Na casa onde está a sauna e o jacuzzi foram abertas janelas de grandes dimensões para proporcionar vistas excepcionais sobre a região e aumentar a luminosidade interior. No espaço destinado a refeições e eventos, a pedra ficou à vista, interior e exteriormente, o chão foi revestido a xisto e a estrutura que sustenta o telhado foi construída em aço (Martins, 2010).

Nesses espaços exteriores também se preservaram as árvores e a vegetação existentes, de forma a manter as suas características rurais. O espaço público do projeto está ligado através da piscina exterior que fica entre as casas. Em relação à distribuição espacial, criou-se uma abertura que funciona como pátio de recepção, voltada para o Largo do Côro, que funciona como espaço de estar e um local de armazenamento de lenha.

A partir desse mesmo pátio, pode-se ter acesso ao piso térreo de uso coletivo. Os espaços emergentes encontram-se voltados para Noroeste, relacionando-se com o logradouro. Houve todo o cuidado de na maioria das intervenções terem sido aplicados materiais e técnicas construtivas similares aos tradicionais, demonstrando a intenção de respeitar e de se integrarem na estrutura do lugar (Coutinho, 2013).

Figura 48: Piscina exterior junto às casas reabilitadas com o castelo ao fundo



Figura 49: Casas reabilitadas para o empreendimento. São visíveis as clarabóias para dar mais luz ao interior.



Figura 50: Casas reabilitadas, mantendo a arquitetura tradicional



Figura 51: Um dos quartos do empreendimento. A janela de grandes dimensões



- 6.1 Análise pré-existente
- 6.2 Proposta de intervenção

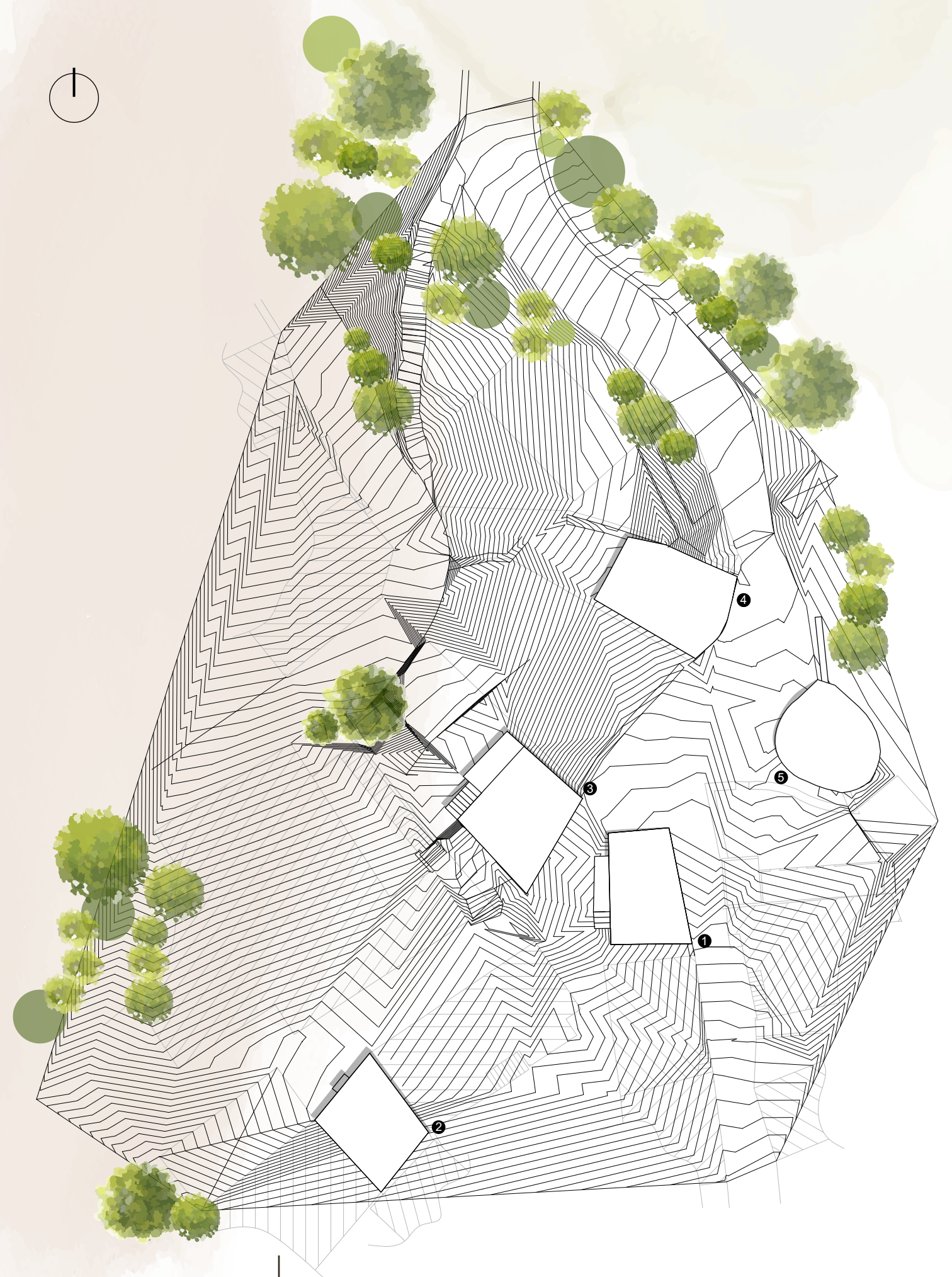


Figura 52:
Topografia do
local dos edifícios

6.1 ANÁLISE PRÉ-EXISTENTE

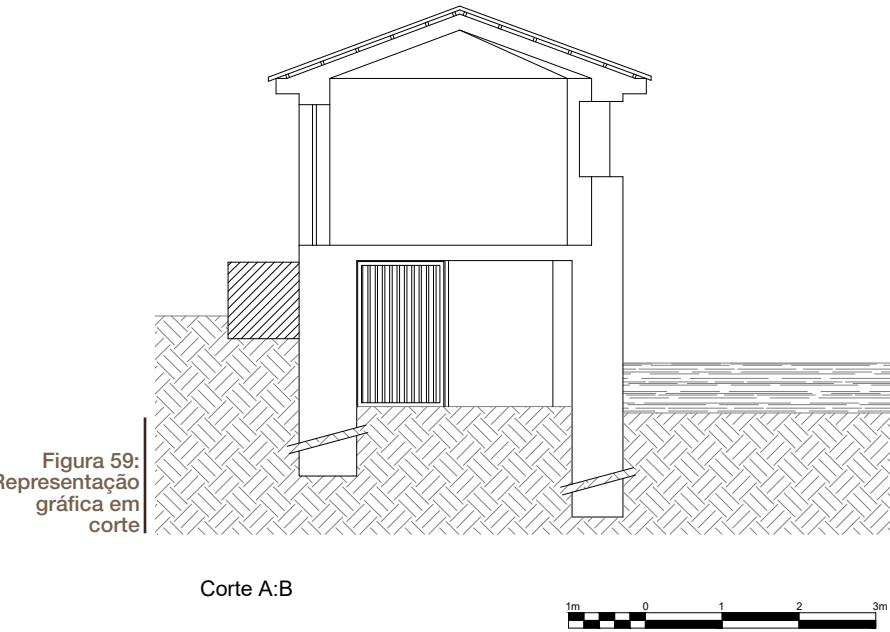
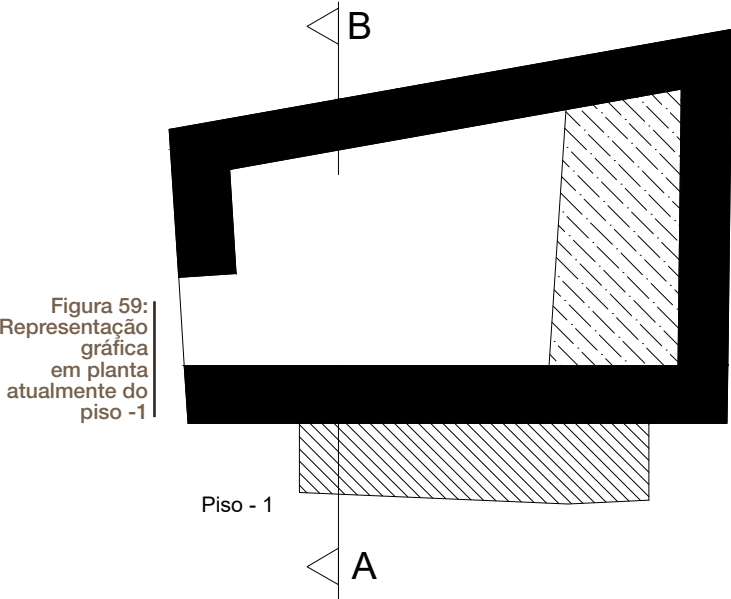
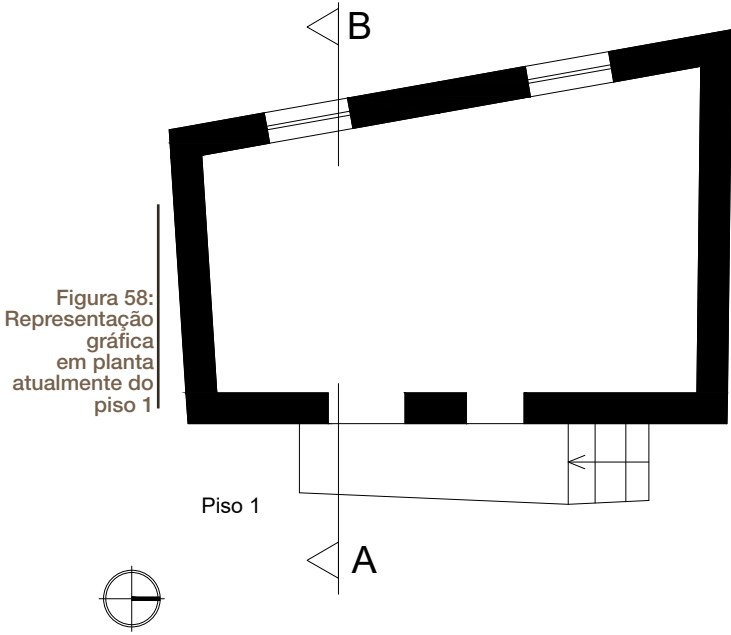
Numa primeira análise, e após a visita detalhada a aldeia do Caramulo, as habitações existentes são de pequena dimensão, provavelmente do século XIX, na sua grande maioria caracterizados por estruturas de alvenaria de pedra, xisto ou granito. A cobertura é constituída por telha lusa e marselha, sem qualquer reboco, interior e exterior, as paredes são de forma irregular e com poucas aberturas. Dada a inexistência de projeto e a ausência de documentação referente a essas habitações, tornou-se impossível datar a obra com exatidão e perceber a sua distribuição espacial original



Figura 53:
Fotografia Rua do
Vale da Cabra



Figura 54 a 57 :
Exterior do edifício
01 em estudo



EDIFÍCIO 01

A edificação pré-existente conta com uma área de aproximadamente 46m² o que soma dois andares. Devido ao bom estado das paredes exteriores, deparamo-nos com uma recente intervenção em alvenaria de pedra e reboco na parte superior, assim como na cobertura em telha, o que serão reaproveitadas. De salientar o fato de existir apenas portas provisórias e nenhuma janela original, torna impossível a análise e até a possível recuperação ou reinterpretação das mesma. A escada de acesso a entrada principal, encontra-se sem corrimão, com musgos e limo.



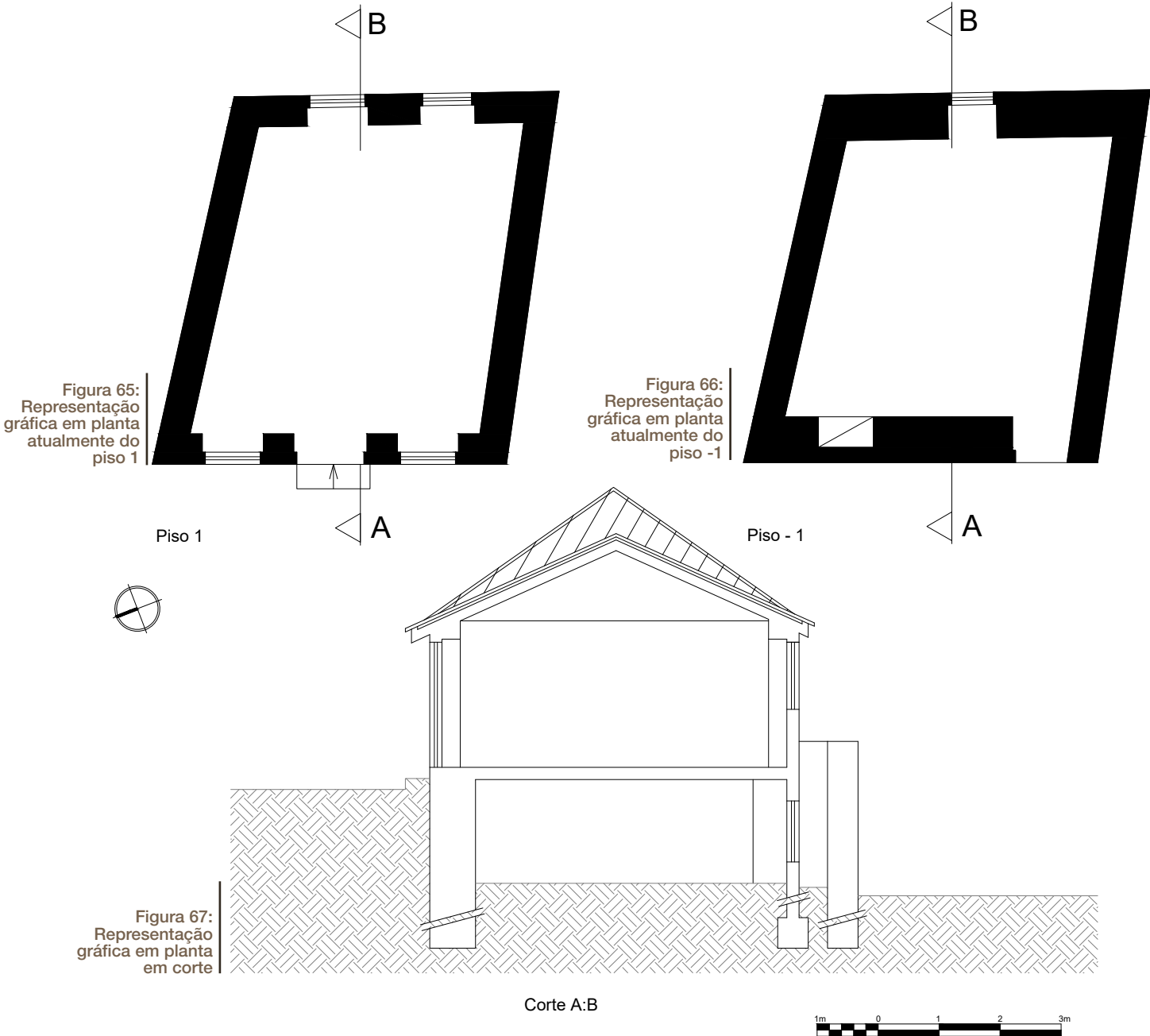
Figura 57 a 59:
Seleção de fotografias
pertencentes ao exterior
da edificação 02

Figura 60:
Interior da
edificação 02



EDIFÍCIO 02

Constituído por dois pisos funcionalmente distintos, o edifício 02 apresenta a fachada principal em pedra e a cobertura em duas águas em telha marselha em bons estados de conservação. De pequena dimensão e paredes espessas, a parte interna encontra-se totalmente degradada, resultando em anomalias relativas ao desgaste do tempo, rachaduras e ao aparecimento de manchas relacionadas com humidade de precipitação junto a janelas. O teto apresenta um início de intervenção, de forma a reforçar a estrutura da laje compostas por elementos pré-fabricados constituídas por vigotas de betão pré-esforçado e blocos de cofragem com construção de lajes aligeiradas. A casa tem dois andares com acessos independentes, sendo a casa do pavimento -1 com pé direito reduzido com aproximadamente 1,70.

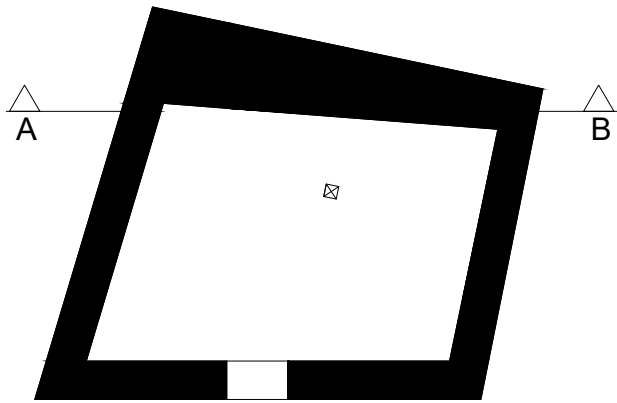


EDIFÍCIO 03

Com uma tipologia diferente, esse edifício é o único com 3 acessos únicos em cada andar. O alçado em reboco apresenta manchas de sujidade, fendilhação e crostas negras, resultantes da molhagem contínua da superfície. O aparecimento de algas e fungos como mostra as figuras 68 e 69 frequentes em revestimentos porosos e rugosos, causada pela humidade dos materiais. A escada apresenta manchas e desgaste acentuado, prejudicando a sua utilização. As caixilharias e portas encontram-se com os revestimentos em falta, destacados, empolados, sujos, com alteração de tom em grandes áreas. Porém é a única habitação com referência de janelas, o que torna um fator importante para a reabilitação.

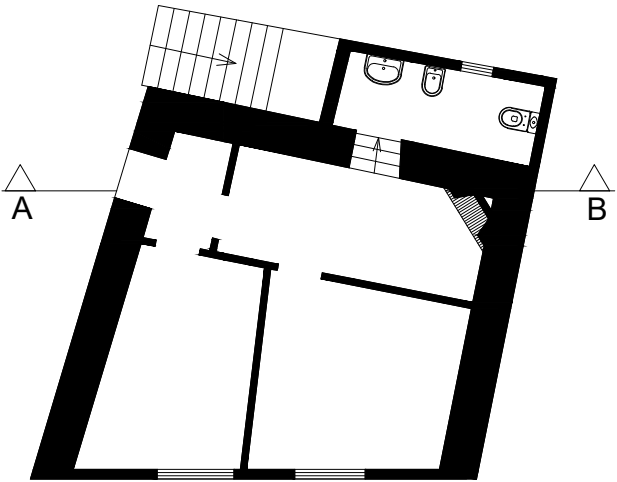


Figuras 68 a 74:
Seleção de fotografias
pertencentes ao exterior
do edifício 03



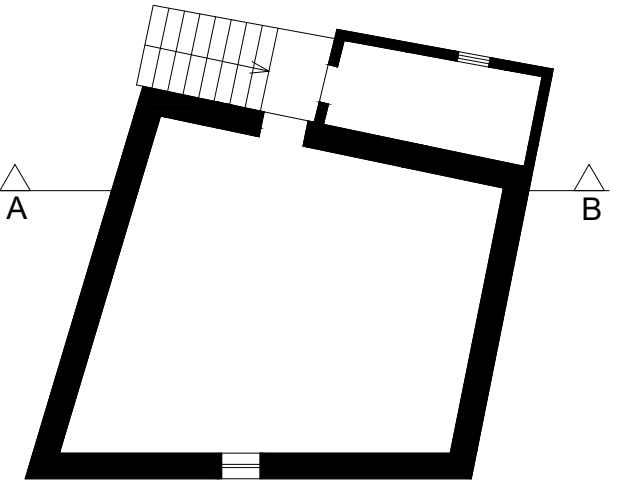
Piso 1

Figura 75:
Representação gráfica
em planta atualmente
do piso 1



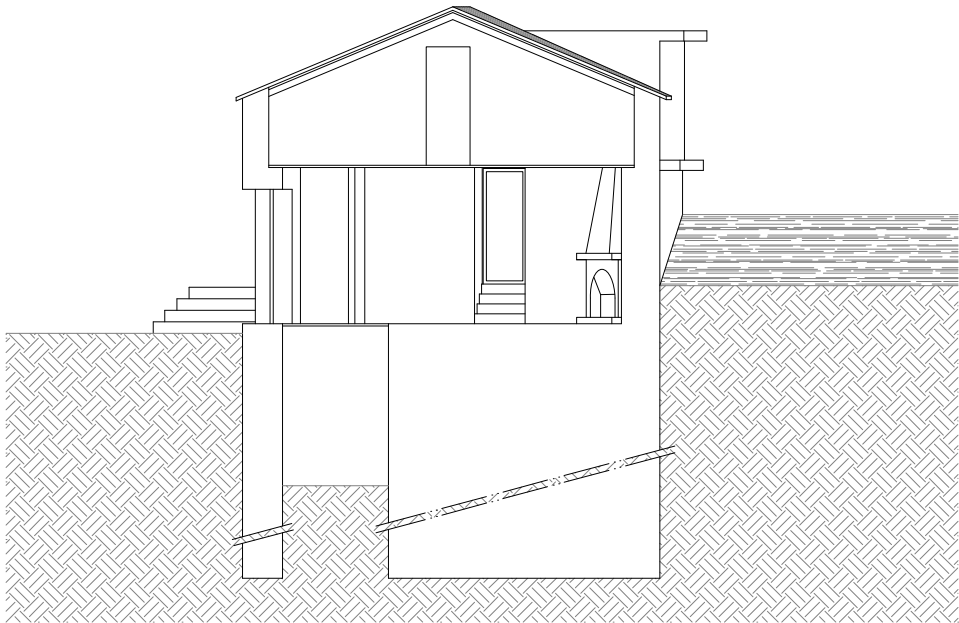
Piso +1

Figura 76:
Representação gráfica
em planta atualmente
do piso +1



Piso +2

Figura 77:
Representação gráfica
em planta atualmente
do piso +2



Corte A:B



Figuras 78:
Representação gráfica
em corte



Figura 79 a 81: Seleção de fotografias pertencentes ao exterior do edifício 04

EDIFÍCIO 04

Respectivamente ao levantamento, apenas foi possível em sua parte externa. No edifício com acabamento em alvenaria de pedra tradicional da região emparelhadas, nota-se fungos e buracos em seu alçado, deslocamento de telhas devido à deformação excessiva da estrutura, o que mostra ser insegura e a presença de orifícios intensifica ainda mais esse fato, o que impossibilita o reaproveitamento da mesma. De poucas aberturas e de paredes espessas a casa se encontra em ruínas.

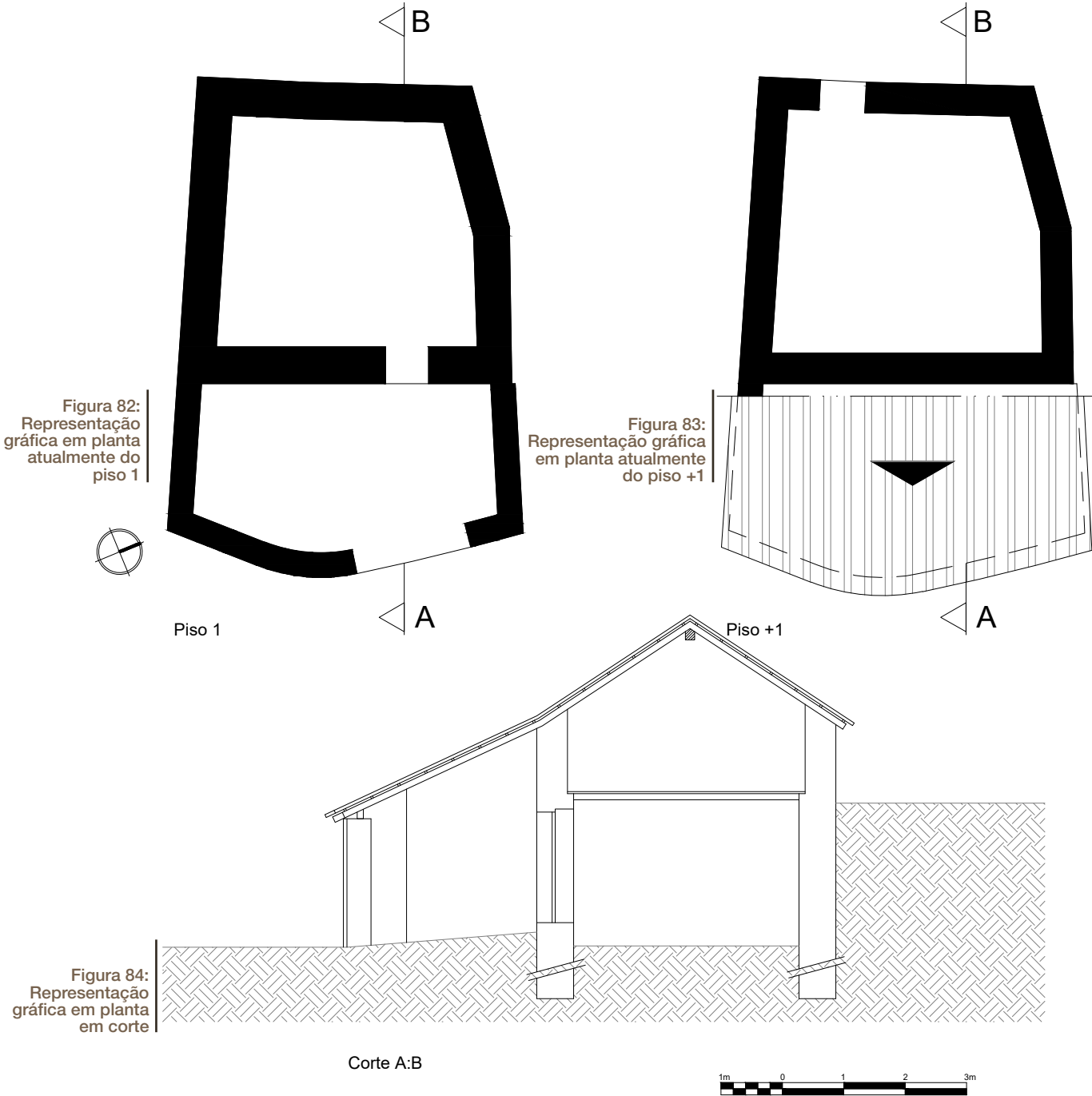


Figura 82: Representação gráfica em planta atualmente do piso 1

Figura 83: Representação gráfica em planta atualmente do piso +1

Figura 84: Representação gráfica em planta em corte

Corte A:B

1m 0 1 2 3m

EDIFÍCIO 05

Única construção em forma arredondada com uma área total de 20m². É notório a degradação desse edifício e o seu estado de abandono. Sem telhado, portas e janelas, só restam partes das paredes estruturais.



Figuras 85 a 87:
Seleção de imagens
pertencentes ao
exterior do edifício 05

Figura 88:
Representação
gráfica em planta
atualmente do
 piso 1

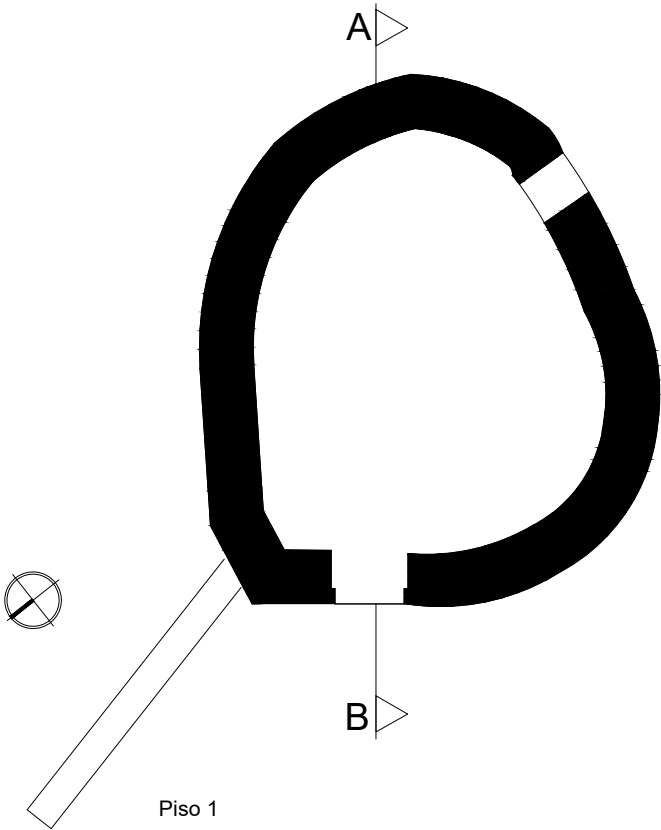
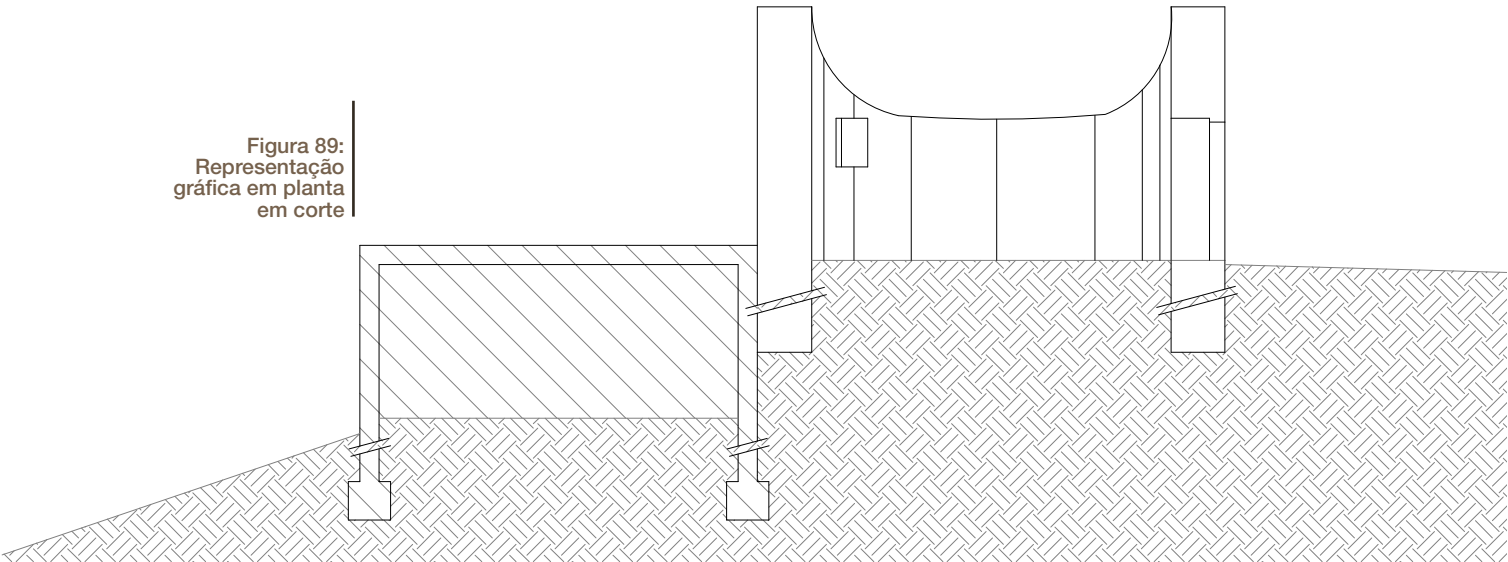


Figura 89:
Representação
gráfica em planta
em corte



Corte A:B



6.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A intervenção diz respeito à reabilitação de pequenas habitações, em estado de ruína, dotando-as de características funcionais, conforto, conservando a sua história e memória, mas respondendo às necessidades de hoje e seu uso como unidade de acolhimento e apoio aos turistas.

O interesse em compreender os limites entre o design de interiores e a arquitetura foi o início do caminho para o desenvolvimento desta proposta de intervenção, que procura relacionar duas vertentes da construção (vernacular e contemporânea).

No exterior de cada edifício, foram usados materiais tradicionais que não desvirtuem a aldeia, sendo perceptível a exposição dos novos elementos construtivos. Qualquer que seja a opção, os novos corpos devem integrar-se na paisagem, e que percebe-se um claro contraste entre o branco de algumas casas e o cinzento das pedras de outras, numa aproximação e adaptação ao local, constatando que a aldeia é pautada por edifícios com essas características. A reabilitação destes novos, embora respeitando a pré-existência, deve ter uma imagem contemporânea. É importante que se perceba que são de uma época diferente, de modo a não confundir-se com construções recentes. As intervenções fundamentais são a limpeza ou troca das pedras, o preenchimento dos espaços e fissuras, pintura, a colocação de novas janelas e portas e um novo telhado.

A nível interior procurou-se gerar um espaço sereno, funcional e acolhedor, de modo a garantir a maior expressão possível ao espaço disponível. Os acabamentos das paredes e tetos foram na base de reboco estanhado e placas de gesso acartonado. O acabamento no pavimento em pinus de madeira e microcimento, a caixilharia das janelas e as portas em sua maioria são de madeira pintadas. Interiormente a pedra pode ficar à vista ou ser revestida a argamassa. Mas de um modo geral, as grandes intervenções podem passar por, a nível de construção de parede em pedra, das paredes de alvenaria, novas aberturas e introduzir isolamento térmico pelo interior.

ESTRATÉGIAS

- Intervenção conservadora, preservação da identidade e memória do lugar;
- Possibilidade de readaptação funcional, preservando as características estéticas e estruturais do edificado pré-existente;
- Importância cromática e respetivos contrastes;
- Utilizar os materiais tradicionais como forma de revelar o conceito do projeto;
- Valorizar a conexão entre o visitante e o meio envolvente, sendo a arquitetura capaz de provocar emoções;
- Desenvolver uma solução de projeto, que não entre em conflito com o edifício original, criando uma relação harmoniosa entre arquitetura vernacular e arquitetura contemporânea.



Figura 90:
Moodboard
conceito do projeto

EDIFÍCIO 01

No alçado posterior foi recriado um novo acesso pela escada, o que torna a entrada mais funcional diretamente pelo mezanino no quarto principal, que encontra-se a uma cota superior (piso 1) com área total de 14m². O espaço interior da casa encontrava-se dividido em duas zonas distintas, uma delas ao nível do rés do chão (piso -1), onde o pé direito era baixo e escuro. A intervenção proposta foi uma nova abertura na zona da sala de estar, uma janela onde se encontrava a porta de acesso a cave e o mezanino para efeito de levar ainda mais luz.

O pavimento da zona do quarto seria revestido em soalho de madeira pinus e no piso inferior revestido em microcimento onde encontra-se a cozinha, sala de estar e uma casa de banho somando uma área de 23m². O fato de a pedra ser abundante na região, foi preservada com acabamento aparente na parede da porta principal, o que torna a construção bastante econômica. No que diz respeito às caixilharias em madeira pintada na cor amarela, que vão ao encontro da arquitetura tradicional. O tom amarelo que transmite calor e luz, também é utilizado nas portas e rodapés. Essa habitação terá capacidade para quatro hóspedes.

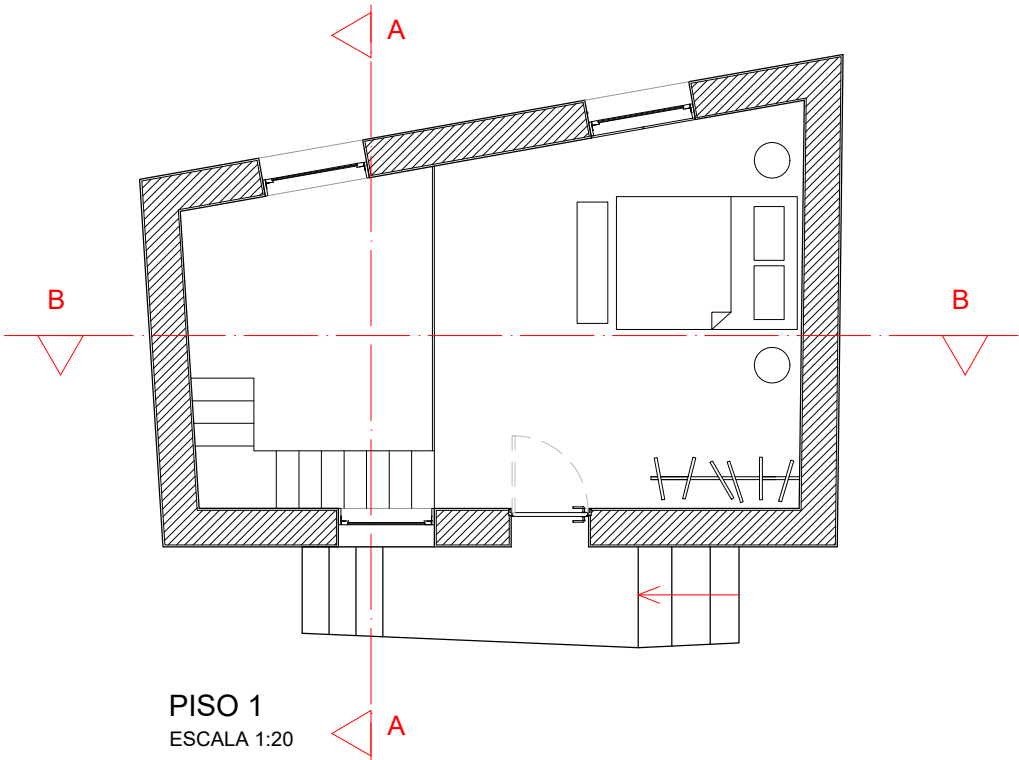


Figura 92:
Representação
gráfica em planta
baixa do mezanino

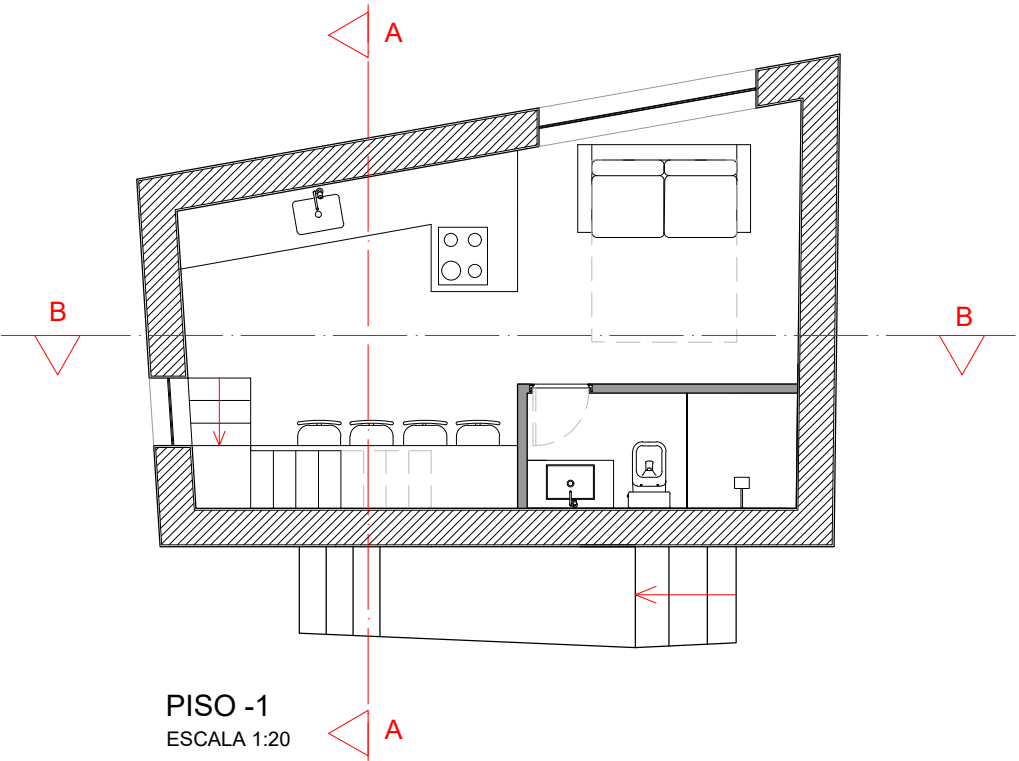


Figura 93:
Representação
gráfica em planta
do piso -1

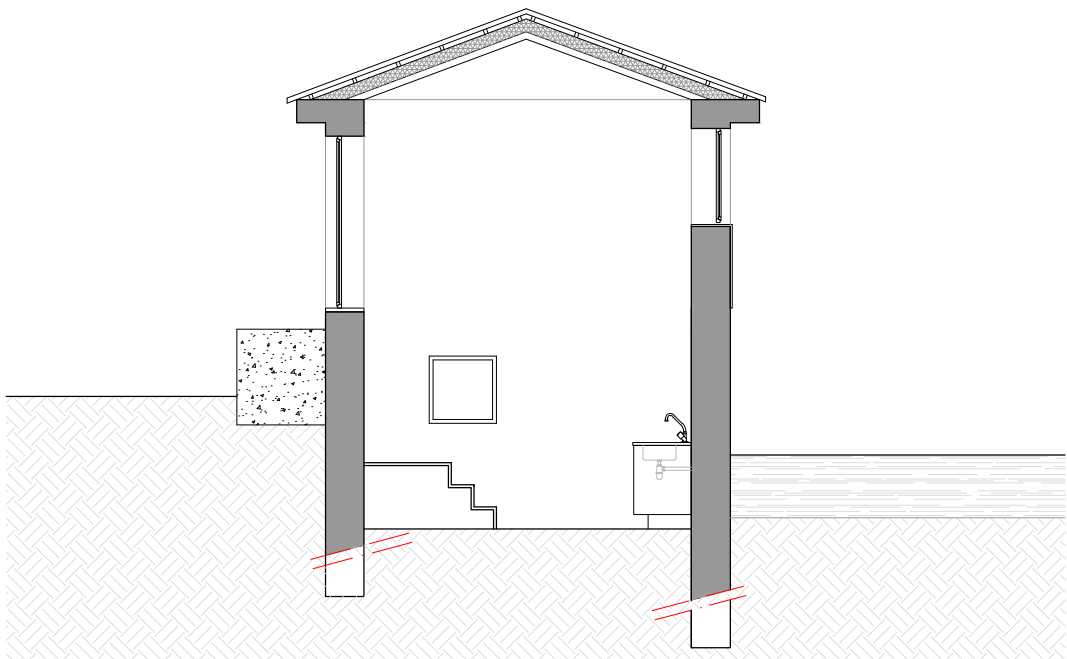


Figura 94:
Representação
gráfica em corte A

CORTE A
ESCALA 1:20

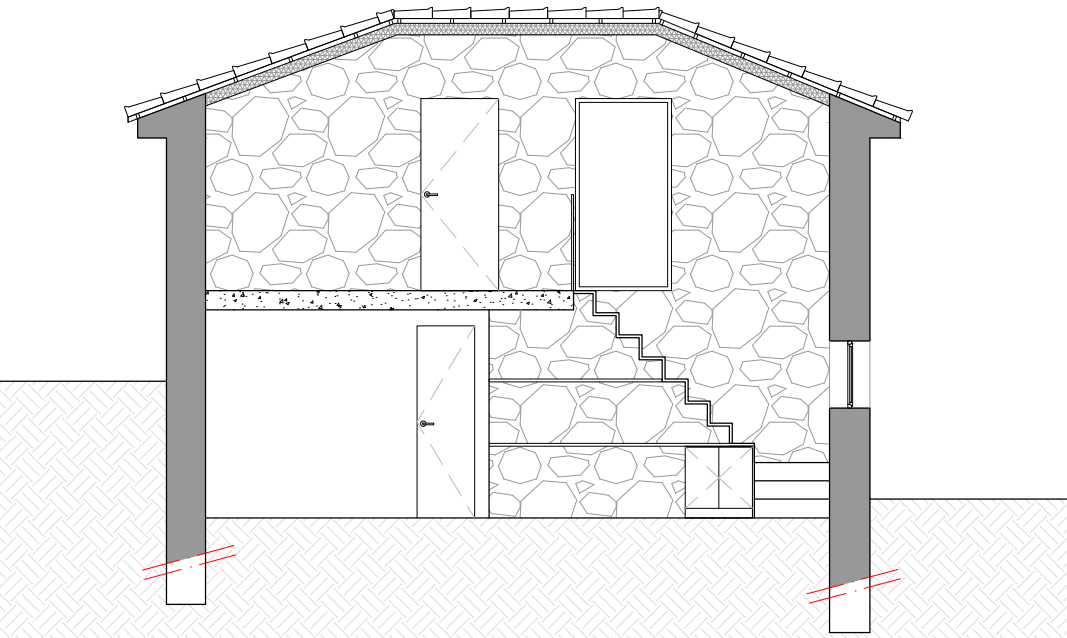


Figura 95:
Representação
gráfica em corte B

CORTE B
ESCALA 1:20

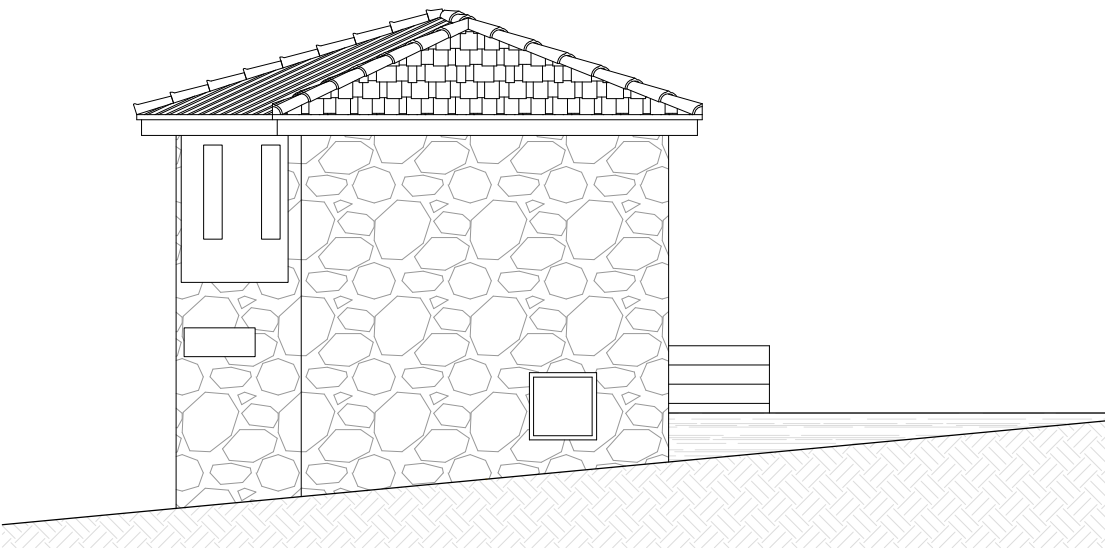


Figura 96:
Representação
gráfica do alçado
lateral direito

ALÇADO LATERAL DIREITO
ESCALA 1:20

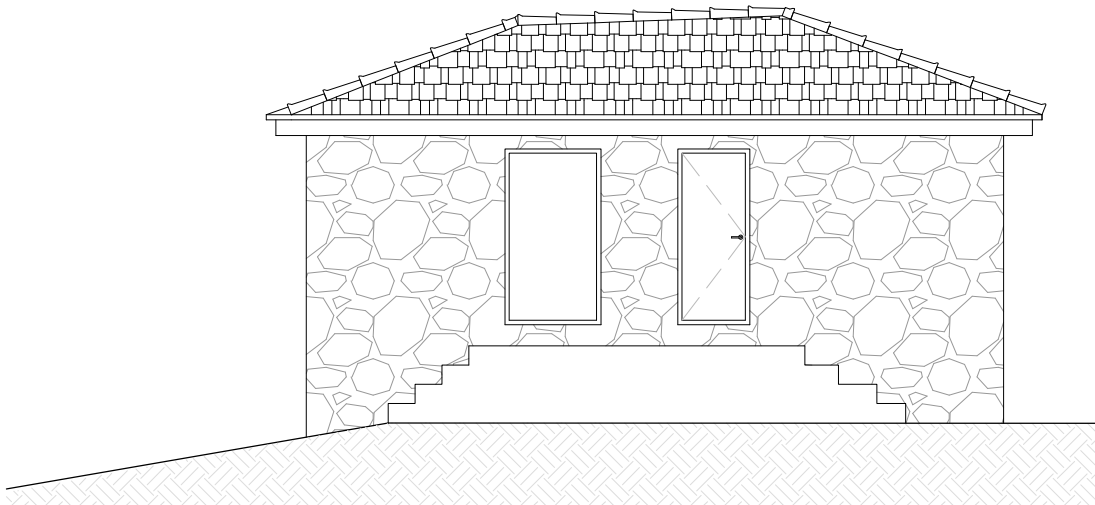


Figura 97:
Representação
gráfica do alçado
posterior

ALÇADO POSTERIOR
ESCALA 1:20



Figura 98:
Área da bancada
de refeições no
piso -1



Figura 99: Piso -1:
Área da cozinha e
sala de estar



Figura 100:
Piso -1: Área da
cozinha e sala de
estar



Figura 101:
Dormitório na área
do mezanino



Figura 102:
Dormitório na área
do mezanino



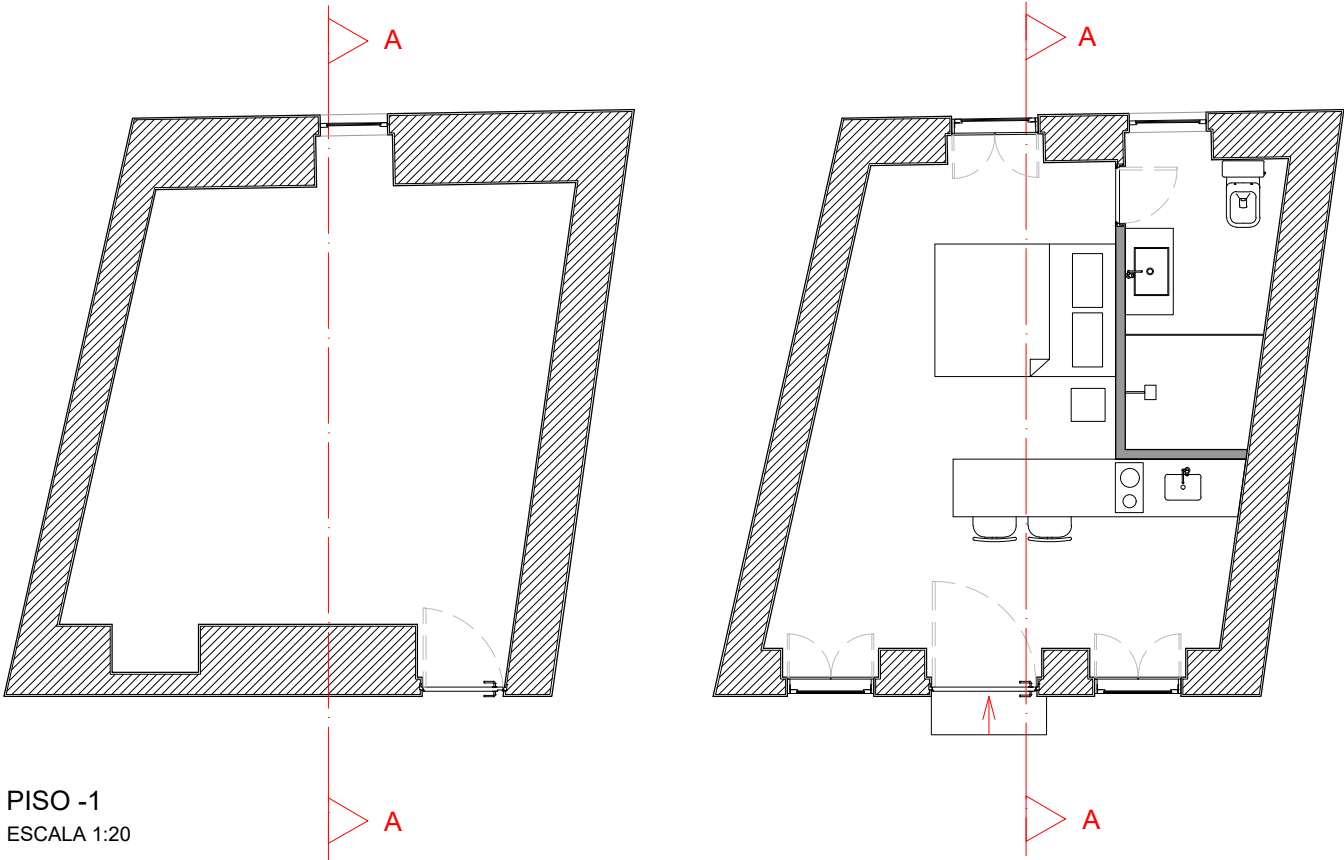
Figura: 103:
Piso -1: Sala de
estar com sofá
cama

EDIFÍCIO 02

Opta-se por utilizar cores e materiais claros que, juntamente com as pequenas aberturas da fachada e o contraste da paisagem que por elas penetram, tomam este ambiente único e relaxante. A relação entre todas as habitações, onde a madeira pinus utilizada lhe confere um aspecto natural e contemporâneo, estabelecendo para o visitante mais conforto. A cor verde utilizada na carpintaria evoca a conexão com a natureza e transmite tranquilidade, num espaço total de 24m². A habitação tem acesso ao nível do rés do chão, apenas com um degrau acima, constituído por um alçado em pedra aparente e janelas e portas em madeira pintada. Tendo em vista a preservação do telhado, determinou-se seu reaproveitamento (resultado de uma intervenção recente). A partir no desnível 1,70 metros do alçado principal, se têm acesso independente da cave. Esse pavimento com área de 21m², determinou-se um espaço de apoio de material indispensável ao funcionamento das habitações, tais como toalhas, roupas de cama, mobiliários, produtos de limpeza, etc.



Figura 104:
Alçado principal do edifício 2



PISO -1
ESCALA 1:20

Figura 105:
Representação
gráfica em planta
baixa da cave

Figura 106:
Representação
gráfica em planta
baixa do rés de chão

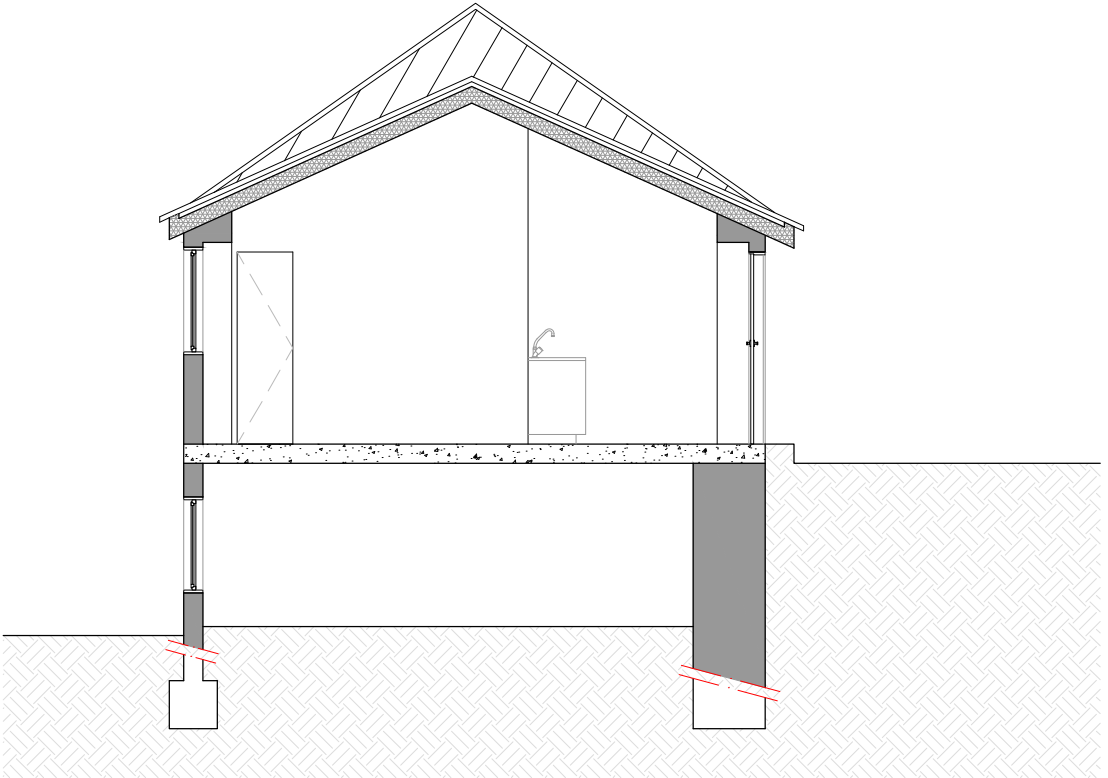


Figura 107:
Representação
gráfica em corte A

CORTE A
ESCALA 1:20



Figura: 108:
Área de dormir e
porta de entrada



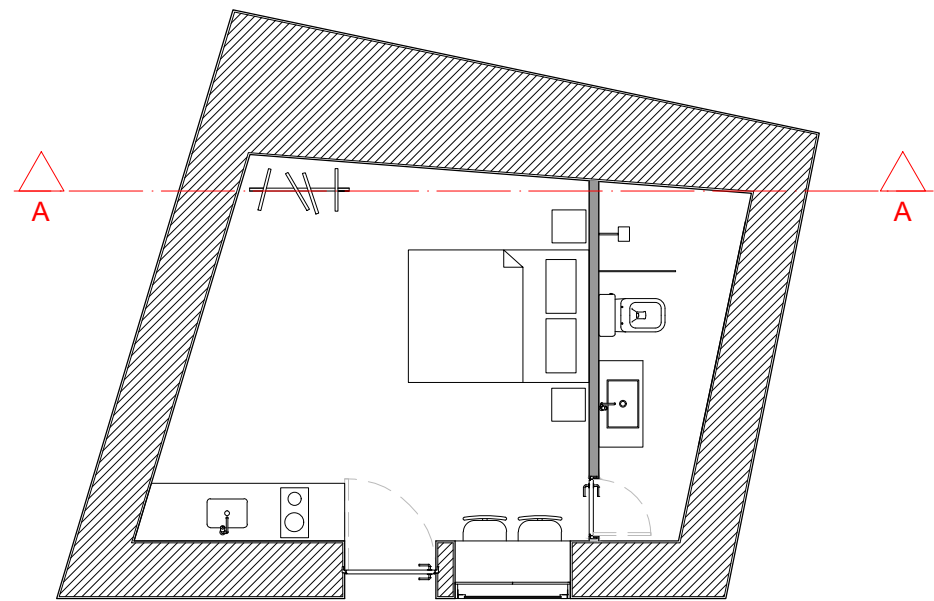
Figura: 109:
Bancada para
refeição e cozinha

EDIFÍCIO 03

Com o objetivo de minimizar os custos, com o mínimo das demolições e construções, preservando a preexistência e a identidade do património, o terceiro edifício foi pensado para o maior aproveitamento do número de habitações. Entre cada pavimento, foi considerado diferentes soluções de layout, respeitando sempre a configuração interna. O piso 1, ao nível do rés do chão, tem acesso pelo alçado principal, com capacidade para dois hóspedes numa área total de 21m². A habitação constituída por um conceito aberto, integra dormitório e cozinha. Foi construído parede de gesso acartonado para casa de banho. E uma abertura também foi criada com uso para zona de refeição ou zona de trabalho. Janelas, portas e rodapés de todo edifício foram pintados num tom azul, a qual tem uma forte ligação com a natureza, tornando sua atmosfera leve, calma e fresca. Em uma cota superior (piso +1) encontra-se uma tipologia com área total de 30m² para quatro usuários, sendo assim, o quarto privativo e um sofá-cama na sala de estar com um recuperador de calor, ao lado uma bancada de refeição e uma pequena cozinha, com ligação ao corredor de entrada pelo alçado lateral esquerdo. No alçado posterior, em uma cota de nível 5,16 metros acima do nível da rua (piso +2). Nesse pavimento com área de 32m² o espaço é totalmente aberto no qual é possível ocupar até quatro visitantes. Nesse mesmo piso é proposto uma nova abertura de grande proporção para entrada de luz e criar uma relação entre interior e exterior.

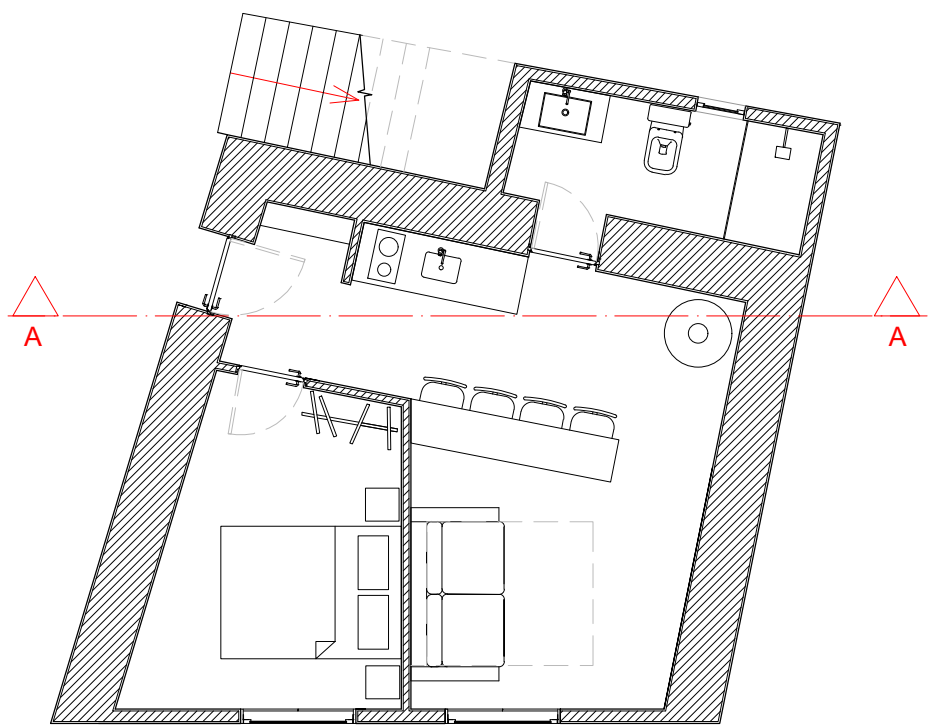
Figura 110:
Alçado principal do
edifício 3





PISO 1
ESCALA 1:20

Figura 111:
Representação gráfica
em planta baixa do rés
de chão



PISO +1
ESCALA 1:20

Figura 112:
Representação
gráfica em planta do
pavimento +1

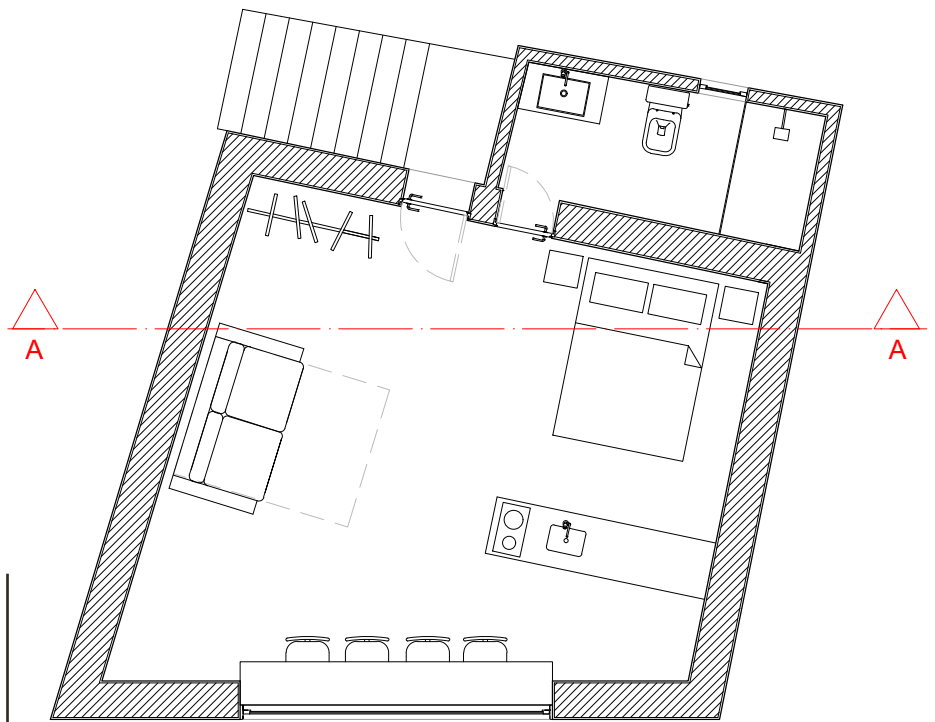


Figura 113:
Representação
gráfica em planta do
pavimento +2

PISO +2
ESCALA 1:20

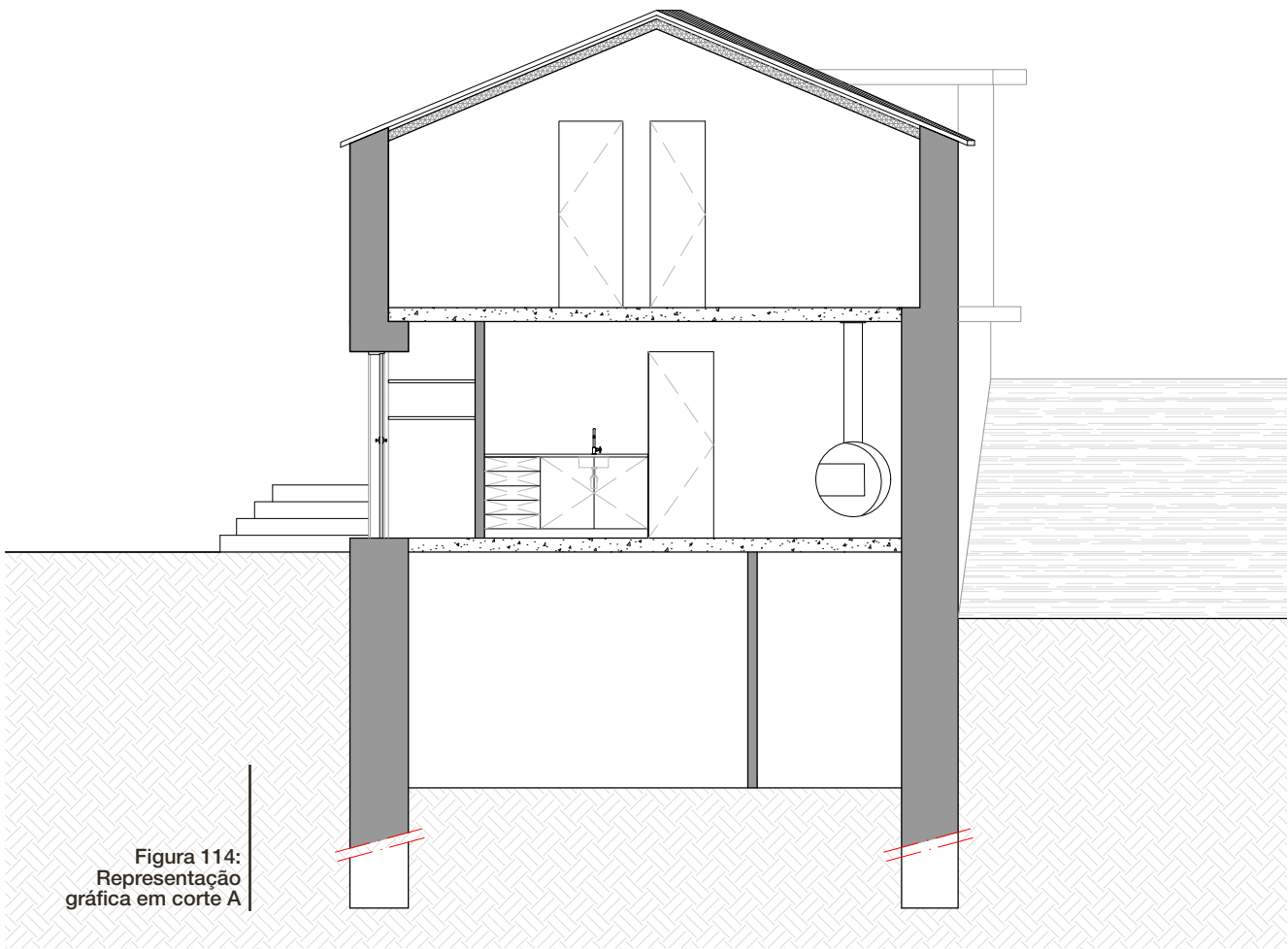
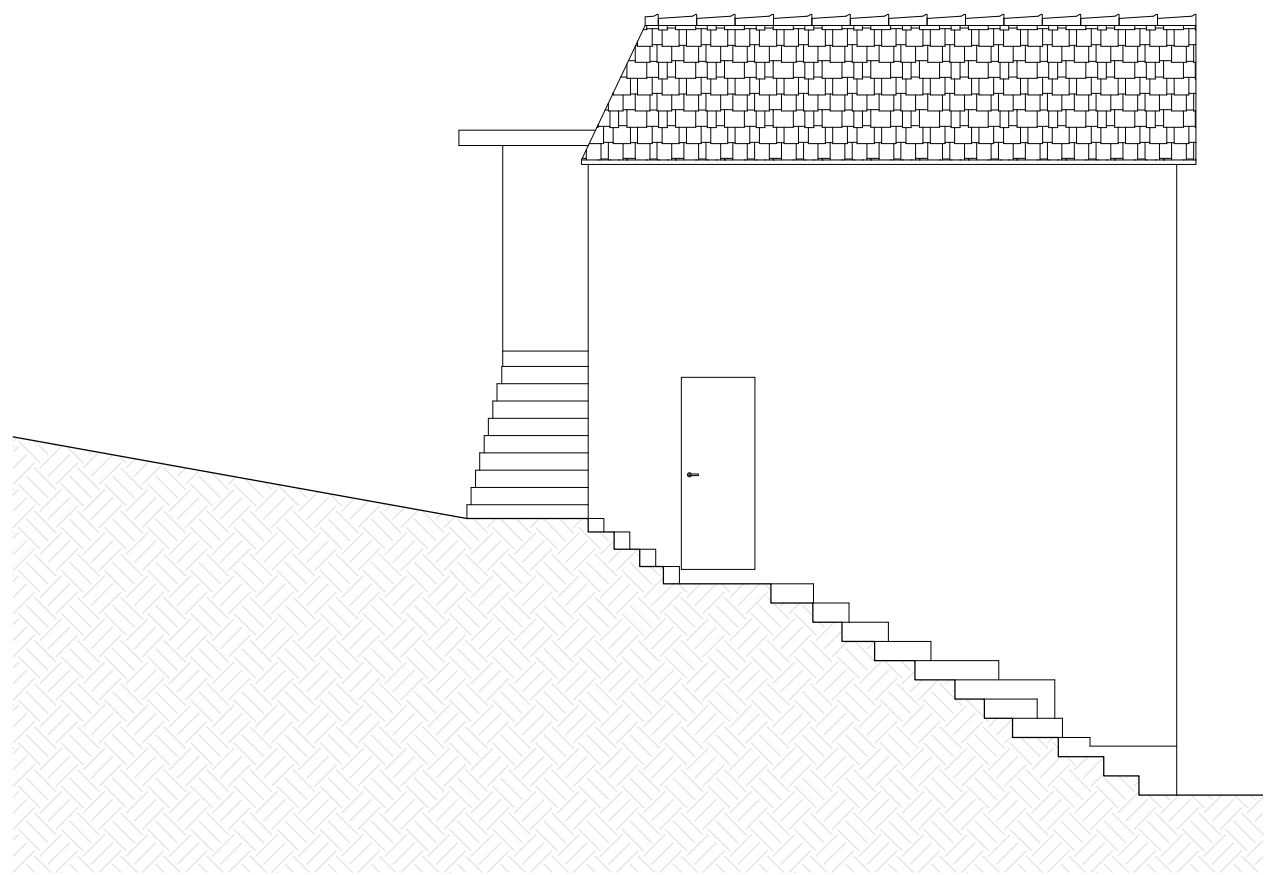


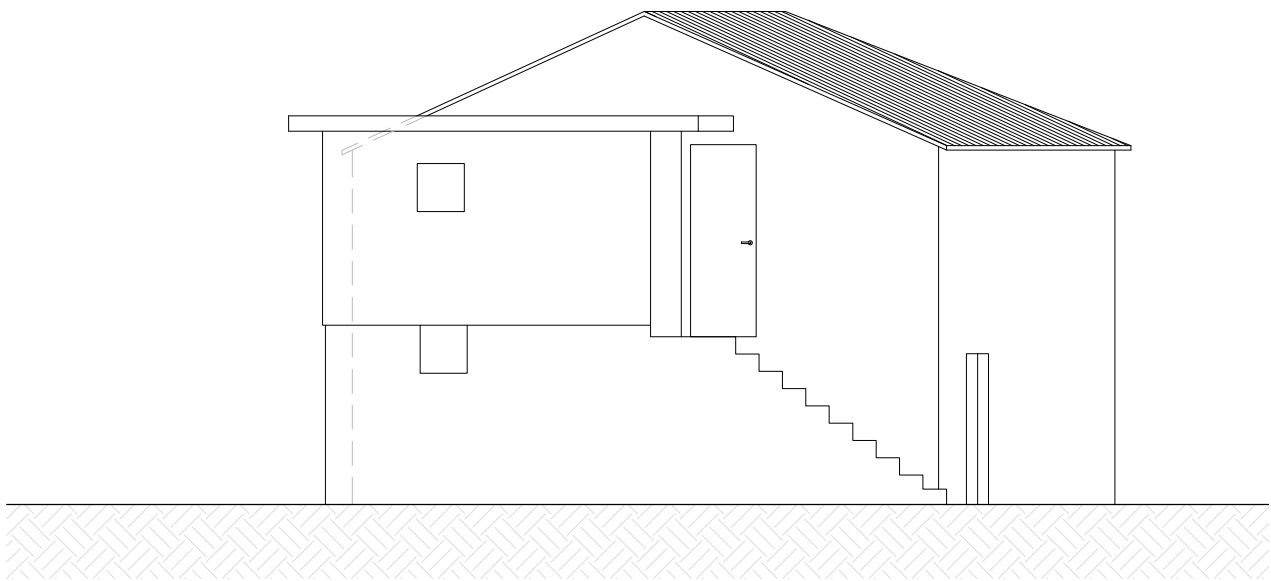
Figura 114:
Representação
gráfica em corte A

CORTE A
ESCALA 1:20



ALÇADO LATERAL ESQUERDO
ESCALA 1:20

Figura 115:
Alçado lateral
esquerdo



ALÇADO POSTERIOR
ESCALA 1:20

Figura 116:
Alçado posterior



Figura 117:
Zona do dormitório
e acesso da porta
principal e da porta
da casa de banho



Figura 118:
Área da cozinha
e espaço para
refeição



Figura 119:
Área da cozinha
e espaço para
refeição



Figura 120:
Área de estar e
bancada de refeição



Figura 121:
Sala de estar e
salamandra



Figura 122:
Dormitório privado



Figura 123:
Área da cozinha
e acesso para
casa de banho
e a esquerda a
entrada principal



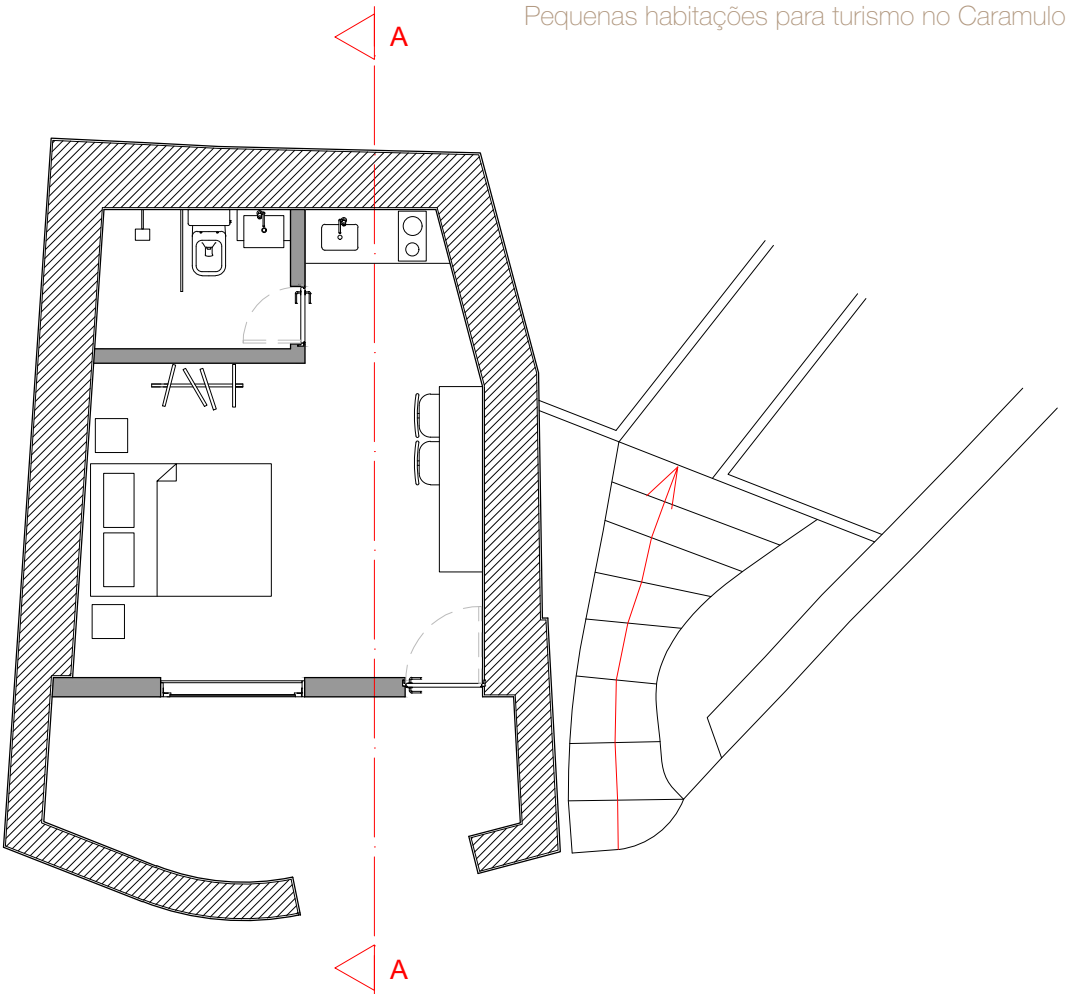
Figura 124:
Zona do quarto e
cozinha



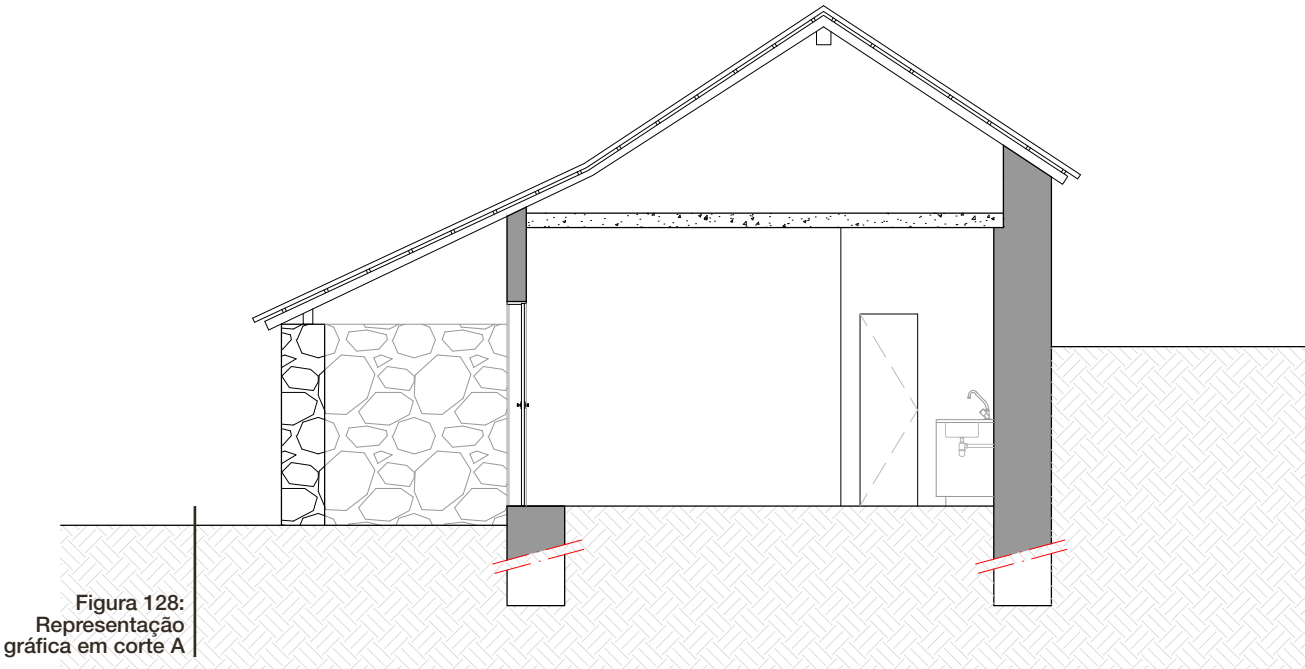
Figura 125:
Vista geral do
último piso do
edifício 3

EDIFÍCIO 04

Este projeto segue as mesmas premissas que os edifícios anteriores, porém é o único com uma varanda anexa no alçado principal com acesso a entrada. As principais intervenções a serem dotadas, será uma cobertura de telha numa reprodução tradicional da aldeia, ampliação da área interna no qual reduz a área total da varanda e abertura de uma nova janela. Para além desta intervenção, as paredes exteriores em alvenaria de pedra granítica tiveram sua substituição, e em seu interior, a construção de paredes em gesso acartonado para uma pequena casa de banho. A cor rosa na carpintaria se relaciona com a ternura, afeto e romance, em um espaço de 19,6m² ideal para duas pessoas.



PISO 1
ESCALA 1:20



CORTE A
ESCALA 1:20



Figura 129:
Espaço dormitório
e acesso a entrada
principal



Figura 130:
Vista da cama e
porta para acesso
a casa de banho



Figura 131:
Vista geral da
habitação

ESPAÇO DE CONVÍVIO

Nesse espaço criado para interagir os visitantes com o entorno e o meio ambiente, tornou um espaço de lazer e recreação para todos. Em um novo e diferente uso do pré-existente, essa intervenção dedica à conservar a beleza que a envolve, valorizando ainda mais a paisagem. O banco curvo em pinus estende-se, descendo até ao pavimento, prolongando-se e fazendo a ligação ao piso permeável que envolve toda esta zona, fechando-se para o centro, criando, assim, um espaço de convívio.

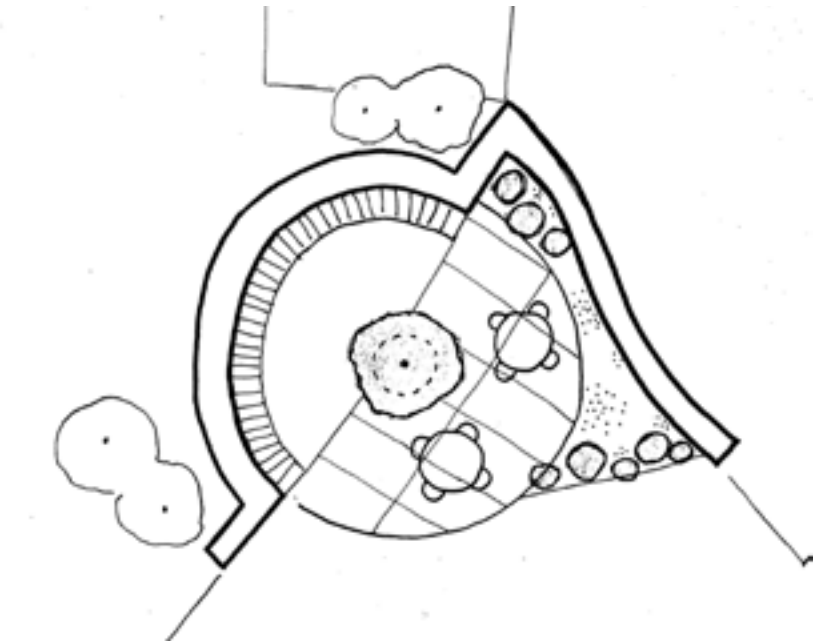


Figura 132:
Planta Humanizada da
área de convívio



Figura 133:
Espaço de convívio



Figura 134:
Esquício vista de topo
da área de convívio



Figura 135:
Esquízo
perspectiva
da área de
convívio

Este estudo propiciou o conhecimento de edifícios e espaços importantes para a história e cultura de Portugal, bem como para o turismo e economia do país.

Vimos o significado de reabilitação de edifícios antigos e sua relevância em tornar acessível e atrativo para os turistas.

Entendemos quais os princípios da reabilitação e porque estes devem ser considerados ao modernizar um ambiente.

Os estudos de casos nos permitiram observar como a reabilitação valorizou as edificações oferecendo mais qualidade de vida e turística aos visitantes. Os aspectos originais foram conservados a fim de preservar a identidade, história e cultura local.

O Turismo de Natureza é um mercado em constante expansão, sobretudo nos dias estressantes em que nos encontramos onde as pessoas prezam por paz e calma. Esse tipo de turismo permite uma consciência ecológica partindo da aproximação com o meio ambiente.

O potencial turístico da região do Caramulo ficou evidente quando analisamos seus atrativos naturais, gastronômicos e culturais. A diversidade de exposições, atrações, festivais, atividades de lazer entre outros, torna possível agradar a vários tipos de turistas, tanto os que procuram se reconectar com a natureza e o equilíbrio mental quanto os que preferem diversão e agito.

Assim, diante do exposto, podemos dizer que as motivações turísticas de diferentes perfis de visitantes podem ser sanadas na região do Caramulo e por isso as intervenções de reabilitação no local foram e são tão importantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aldeia da Pedralva (2020). Acesso em 11 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.aldeiadapedralva.com/>

Ante-Mare (2005). *Manual para o Investidor em Turismo de Natureza*.

Associação de Freguesias da Serra do Caramulo (s.d.). Acesso em 2020, de web site de Associação de Freguesias da Serra do Caramulo: <http://afscaramulo.pt/>

Beni, M. C. (2003). *Como certificar o turismo sustentável*. Turismo em Análise, 14, 5-16. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63641/66406>.

Cabrita, Aguiar, & Appleton (1992) . *MANUAL de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1992.

Caramulo - A Serra. (2011). Acesso em 2020, de Blog “Uma certa idade...”: <http://zelinha-zelinha.blogspot.com/2011/05/caramulo-serra.html>

Carta de Lisboa (1995). Carta de Lisboa sobre a reabilitação urbana integrada. 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de Outubro de 1995.

Carvalho, L. (1934) “*A luta contra a tuberculose em Portugal*”. Vol. XI, Lisboa.

Castro, Marisa. “*Estância sanatorial do Caramulo: da génese ao plano de urbanização de Januário Godinho*”.

Ceiscaramulo. *Oficina do Burel*. Acesso em 2020. Disponível em: <https://www.ceiscaramulo.pt/oficina-do-burel/>

Cerdeiro, M. I. (2014). *A importância da imagem na definição de um destino como turístico: estudo de caso Monte Real*. Dissertação de Mestrado em Marketing e Promoção Turística, Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar do Instituto Politécnico de Leiria.

Coghlan, A., & Buckley, R. (2013). *Nature-based tourism*. In A. Holden, & D. Fennell, The Routledge Handbook of Tourism and the Environment (pp. 334-344). Oxon: Routledge

Confraria Gastronómica do Cabrito e da Serra do Caramulo. Acesso em 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/confrariacabritocaramulo/>

Coutinho, C. A. R. (2013). *Marialva: da ruína à aldeia histórica*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

Crandall, R. (1980). *Motivations for Leisure*. Journal of Leisure Research.

Cunha, L. (2003). *Introdução ao Turismo* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Verbo.

Cunha, L., & Abrantes, A. (2011). *Introdução ao Turismo* (5 edição). Lisboa: Lidel, Edições Técnicas Lda.

Dashper, K. (2014). *Rural Tourism: An International Perspective*. (K. Dashper, Ed.) Cambridge Scholars Publishing.

Diário da República Eletrónico. Aceso em 2020. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/493688/details/maximized-25/11/2020>

Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural. *Características no Turismo no Espaço Rural*. Acesso em 2020. Disponível em: <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural>

Estatística do turismo 2018. Lisboa Instituto Nacional de Estatística I.P.

Ferreira, Rafaela (2018). *Projeto dinamizador do destino turístico Caramulo*. Dissertação de mestrado na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu.

Guiadacidade. (2020). *Miradouro do Caramulinho*. Consultado em 04 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-miradouro-do-caramulinho-18729>

ICNF, I.P. (2018). *Turismo de Natureza*. Obtido de Web site de Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas: <http://www2.icnf.pt>

Lindberg, K. & Hawkins, D. E. (1996). *Ecoturismo: guia para planeamento e gestão*. São Paulo: SENAC.

Maré-Turismo, A. Ambiente e Desenvolvimento Sustentável no Sudoeste, 2005. *Manual para o Investidor em Turismo de Natureza*.

Martins, N. M. F. (2010). *Reabilitação de edifícios para turismo rural: estudo de casos de sucesso*. Tese de mestrado integrado. Engenharia Civil (Especialização em Construções Cíveis). Faculdade de Engenharia. Universidade do Porto, Porto.

Mateus, J. J. (1 de Novembro de 2003). *Cultura-Ípsilon/ "O Museu do Caramulo não é só automóveis"*. Acesso em 2020, de web site de Jornal Público: <https://www.publico.pt/>

Mbaiwa, J. E., & Stronza, A. L. (2009). *The challenges and prospects for sustainable tourism and ecotourism in developing countries*. In T. Jamal, & M. Robinson, The SAGE Handbook of Tourism Studies (pp. 333-353). London: SAGE Publications.

Miranda, M. G. (15 de Julho de 2016). *Edifícios abandonados: a incrível história dos Sanatórios do Caramulo*. Acesso em 2020, de web site de NiT: <https://nit.pt>

Museu do Caramulo. (s.d.). *História*. Acesso em 2019, de web site de Museu do Caramulo: <http://www.museu-caramulo.net/pt>

Neiman, Z., & Mendonça, R. (2000). *Ecoturismo: discurso, desejo e realidade*. Revista Turismo em Análise, 11(2), 98-110.

Newsome, D., Moore, S. A., & Dowling, R. K. (2012). *Natural area tourism: Ecology, impacts and management* (Vol. 58). Channel view publications.

O Cabrito e a Serra do Caramulo. Acesso em 2020. Disponível em: <http://confrariadocabrito.blogspot.com/>

Oliveira, C. (2013). *Caracterização do mercado de actividades de Turismo de Natureza em Portugal*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Lisboa.

Pigram, J. J., & Jenkins, J. M. (1999). *Outdoor Recreation Management*. London: Routledge.

Pinto, M. C. (15 de Abril de 2018). *A glória e a ruína da vila onde Portugal se tratou*. Acesso em dezembro de 2019, de web site de Jornal Público: <https://www.publico.pt>

Pires, P. (2001). *Interfaces ambientais do turismo*. In TRIGO, L. (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. SENAC, São Paulo.

Ribeiro, P. M. (2006). *Caracterização da flora vascular e do padrão e dinâmica da paisagem na Serra do Caramulo. Análise do estado de conservação de taxa prioritários*. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Botânica).

Ribeiro, R. (2011). *Cadeia de abastecimento turística: o caso da Serra do Caramulo*. (Dissertação de Mestrado em Gestão, Universidade de Aveiro, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial).

Ritchie, J. B., & Crouch, G. I. (2003). *The competitive destination. A sustainable Tourism Perspective*. Cambridge: CABI Publishing

Santos, J. R. (2015). *"Monstro Fabuloso Adormecido", acorda, irrompe e urbaniza...* RJV, Editores, Lda.

Silva Santos, L. M. (2013). *Reabilitação do Património Rural - O caso de Quintandona, Penafiel*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Porto).

Soifer, J. (2008). *Empreender Turismo de Natureza*. Lisboa: Edição de Autor.

Sousa, I. F. N. (2016). *Princípios da reabilitação de edifícios: aplicação a casos de estudo* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa).

Straaten, J. V. (2000). *Can sustainable tourism positively influence rural regions?* In G. Richards, & D. Hall, Tourism and Sustainable Community Development (pp. 221- 232). London: Routledge.

Tovar, Z. M. (2010). *Pedestrianismo, percursos pedestres e turismo de passeio pedestre em Portugal*. Dissertação de mestrado em Turismo, na especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Turismo de Portugal I.P. (2019). *Análise Regional | 2017*.

Turismo de Portugal, I.P. (2007). *Plano Estratégico Nacional do Turismo: Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal*. Ministério da Economia e da Inovação, Lisboa.

UNWTO Tourism Highlights 2018 Edition. Acesso em 2020. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419876>

Veloso, A. J. (2010). *Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos* (2ª ed.). By the Book.

LISTA DE IMAGENS

01. Mapa do enquadramento geográfico do concelho de Tondela.

Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2018-2027 Caderno I Diagnóstico

02. Perfil topográfico da Serra do Caramulo.

Adaptado de Ribeiro (2006, retirado de Pereira, 1988)

03. Jerónimo de Lacerda.

VELOSO, “Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos”, p. 26.

04. Diploma de formatura.

VELOSO, “Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos”, p. 29.

05. Grande Hotel, 1922.

VELOSO, “Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos”, p. 48.

06. Casa de Jerónimo de Lacerda, na fase inicial, 1923.

VELOSO, “Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos”, p. 33.

07. Fotografia de família junto a casa do Caramulo, 1927.

VELOSO, “Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos”, p. 38.

08. Galeria do Grande Sanatório á hora da cura, 1933.

VELOSO, “Caramulo: Ascensão e Queda de Uma Estância de Tuberculosos”, p. 52.

09. Golden Tulip Caramulo Hotel e Spa

http://www.hotelopia.pt/h/hotel-golden-tulip-caramulo-hotel-and-spa_portugal-centro_73381/

Acesso: 08/01/2021

10. Casa dos Arcos

<https://www.facebook.com/Casa-dos-Arcos-Caramulo-298273779234/>

Acesso: 08/01/2021

11. Casa do Lagar Miradoyro

<http://www.casadolagarmiradoyro.pt/index.php/galeria>

Acesso: 08/01/2021

12. Miradouro Cabeço da Neve

<https://jornaldocentro.pt/online/turismo-lifestyle/os-miradouros-que-dao-conhecer-regiao-venha-descobri-los>

Acesso: 08/01/2021

13. Reserva Botânica de Loendros

<https://viagensasolta.com/visita-aos-loendros-de-cambarinho/>

Acesso: 22/12/2020

14. Cabeça do Cão

<http://www.sjhotel.pt/en/descobrir-a-regiao.html>

Acesso: 08/01/2021

15. Miradouro do Caramulinho

<https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-miradouro-do-caramulinho-18729>

Acesso: 08/01/2021

16. Coleção de automóveis do Museu do Caramulo

<https://radioregional.pt/tondela-museu-do-caramulo-cancela-motorfestival-viseu/>

Acesso: 10/08/2020

17. Coleção de brinquedos

<https://www.museudocaramulo.pt/brinquedos/>

Acesso: 10/08/2020

18. Caramulo Motorfestival

<https://emissoradasbeiras.pt/caramulo-motorfestival-bate-recorde-de-publico-com-perto-de-40-mil-visitantes/>

Acesso: 10/08/2020

19. Casas de Campo – Monte Azul

<https://www.booking.com/hotel/pt/monte-azul-casas-de-campo-do-junqueirinho.pt-pt.html>

Acesso: 22/12/2020

20. Turismo de Aldeia - Aldeia da Pena

<https://www.pinterest.pt/pin/210191507582765326/>

Acesso: 22/12/2020

21. Agroturismo – Quina Lamosa

<https://www.booking.com/hotel/pt/quinta-lamosa-agroturismo.pt-pt.html>

Acesso: 22/12/2020

22. Hotel Rural - Herdade da Malhadinha Nova

<https://www.malhadinhanova.pt/pt/>

Acesso: 22/12/2020

23. Teoria da Pirâmide das Necessidades de Maslow

<https://centraldofranqueado.com.br/blog/piramide-maslow/>

Acesso: 14/07/2020

24. Imagem satélite de Portugal e localização das aldeias estudadas

<https://www.google.pt/maps>

Acesso: 18/07/2020

25. Pedralva em ruínas antes das intervenções

<https://www.aldeiadapedralva.com/hotel-gallery.html>

Acesso: 28/12/2020

26. Pedralva depois das intervenções

<https://www.facebook.com/aldeiadapedralva/>

Acesso: 28/12/2020

27. Edifícios em total degradação

Martins, N. M. F. (2010). Reabilitação de edifícios para turismo rural: estudo de casos de sucesso. Pág. 47

28. Edifícios restaurados em Pedralva

<https://www.facebook.com/aldeiadapedralva/photos/a.452478208160833/4873258632749413/>

Acesso: 28/12/2020

29. Antes da intervenção no Largo do Chafariz em Pedralva

<http://www.aldeiadapedralva.com/hotel-gallery.html>

Acesso: 28/12/2020

30. Depois da intervenção no Largo do Chafariz em Pedralva

<http://www.aldeiadapedralva.com/hotel-gallery.html>

Acesso: 28/12/2020

31. Quarto de casal em uma das casas de Pedralva

https://www.tripadvisor.pt/Hotel_Review-g1172110-d1656422-Reviews-Aldeia_da_Pedralva-Vila_do_Bispo_Faro_District_Algarve.html#a/1656422/340963225:p/?albumid=106&type=0&category=106

Acesso: 29/12/2020

32. Interior da casa depois das intervenções em Pedralva

https://www.tripadvisor.pt/Hotel_Review-g1172110-d1656422-Reviews-Aldeia_da_Pedralva-Vila_do_Bispo_Faro_District_Algarve.html#a/1656422/340963225:p/?albumid=106&type=0&category=106

Acesso: 29/12/2020

33. Dormitório onde a principal intervenção passou pela pintura

Martins, N. M. F. (2010). Reabilitação de edifícios para turismo rural: estudo de casos de sucesso. Pág. 39

34. Ruas da aldeia de Quintandona com várias casas em xisto

<https://my-travel-stories.com/quintandona-aldeia-historica-penafiel/>

Acesso: 04/01/2021

35. Capela S. João Batista e Nossa Senhora da Conceição

<https://my-travel-stories.com/quintandona-aldeia-historica-penafiel/>

Acesso: 04/01/2021

36. Casa da viúva – Festa do Caldo

<https://www.facebook.com/Casa-da-Vi%C3%B4va-Quintandona-152501234778513>

Acesso: 04/01/2021

37. Exterior da casa da viúva

<https://my-travel-stories.com/quintandona-aldeia-historica-penafiel/>

Acesso: 04/01/2021

38. Largo do Pelourinho

<https://my-travel-stories.com/quintandona-aldeia-historica-penafiel/>

Acesso: 04/01/2021

39. Casa Valxisto

<https://www.valxisto.pt/casa-valxisto/>

Acesso: 04/01/2021

40. Objeto decorativo na Casa Valxisto

[https://www.valxisto.pt/casa-valxisto/#lightbox\[gallery_image_1\]/5](https://www.valxisto.pt/casa-valxisto/#lightbox[gallery_image_1]/5)

Acesso: 04/01/2021

41. Exterior da Casa Valxisto

[https://www.valxisto.pt/casa-valxisto/#lightbox\[gallery_image_1\]/1](https://www.valxisto.pt/casa-valxisto/#lightbox[gallery_image_1]/1)

Acesso: 04/01/2021

42. Um dos quartos na Casa Valxisto

<https://www.valxisto.pt/quartos/>

Acesso: 04/01/2021

43. Em primeiro plano o Arrabalde, seguido pela Cidadela e ao fundo a Devesa

Coutinho, C. A. R. (2013). Marialva: da ruína à aldeia histórica. Pág. 76

44. Casa do Côro antes da intervenção

Coutinho, C. A. R. (2013). Marialva: da ruína à aldeia histórica. Pág. 176

45. Casa do Côro depois da intervenção

Coutinho, C. A. R. (2013). Marialva: da ruína à aldeia histórica. Pág. 176

46. Casa da Torre do Relógio antes da intervenção

Coutinho, C. A. R. (2013). Marialva: da ruína à aldeia histórica. Pág. 198

47. Casa da Torre do Relógio atualmente

Coutinho, C. A. R. (2013). Marialva: da ruína à aldeia histórica. Pág. 198

48. Piscina exterior junto às casas reabilitadas com o castelo ao fundo

<https://davidmonteiro.me/portfolio/hotel-casas-do-coro-marialva-portugal/>

Acesso: 06/01/2021

49. Casas reabilitadas para o empreendimento. São visíveis

as clarabóias para dar mais luz ao interior

Martins, N. M. F. (2010). Reabilitação de edifícios para turismo rural: estudo de casos de sucesso. Pág. 62

50. Casas reabilitadas, mantendo a arquitetura tradicional

Martins, N. M. F. (2010). Reabilitação de edifícios para turismo rural: estudo de casos de sucesso. Pág. 65

51. Um dos quartos do empreendimento. A janela de grandes dimensões

<https://en.escapio.com/hotel/casas-do-coro>

Acesso: 06/01/2021

52. Topografia do local dos edifícios

Natalia Cristina Pinheiro, Topografia com curvas de níveis

53. Fotografia Rua do Vale da Cabra

Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

54. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 01

Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

55. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 01

Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

56. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 01

Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

Conservar a história e a sua memória		Pequenas habitações para turismo no Caramulo	
57. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 01		Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa	
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia		67. Representação gráfica em corte atualmente do edifício 2	
58. Representação gráfica em planta atualmente do piso -1		Natalia Cristina Pinheiro, Corte	
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa		68. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
59. Representação gráfica em planta atualmente do piso 1		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa		69. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
60. Representação gráfica em corte atualmente		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
Natalia Cristina Pinheiro, Corte		70. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
61. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 02		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia		71. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
62. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 02		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia		72. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
63. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 02		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia		73. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
64. Interior da edificação 02		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia		74. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da edificação 03	
65. Representação gráfica em planta atualmente do piso -1		Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa	
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa		Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia	
66. Representação gráfica em planta atualmente do piso 1			

75. Representação gráfica em planta atualmente do piso 1
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

76. Representação gráfica em planta atualmente do piso +1
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

77. Representação gráfica em planta atualmente do piso +2
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

78. Representação gráfica em corte atualmente do edifício 3
Natalia Cristina Pinheiro, Corte

79. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior do edicfio 04
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

80. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior do edicfio 04
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

81. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior do edicfio 04
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

82. Representação gráfica em planta atualmente do piso 1
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

83. Representação gráfica em planta atualmente do piso +1
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

84. Representação gráfica em corte atualmente do edifício 3
Natalia Cristina Pinheiro, Corte

85. Seleção de imagens pertencentes ao exterior do edifício 5
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

86. Seleção de imagens pertencentes ao exterior do edifício 5
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

87. Seleção de imagens pertencentes ao exterior do edifício 5
Natalia Cristina Pinheiro, Fotografia

88. Representação gráfica em planta atualmente do edifício 5
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

89. Representação gráfica em corte atualmente do edifício 5
Natalia Cristina Pinheiro, Corte

90. Moodboard Conceito do projeto
Natalia Cristina Pinheiro, Conceito

91. Alçado principal do edifício 1
Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

92. Representação gráfica em planta baixa do mezanino
Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

93. Representação gráfica em planta do piso -1

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

94. Representação gráfica em corte A

Natalia Cristina Pinheiro, Corte

95. Representação gráfica em corte B

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

96. Representação gráfica do alçado lateral direito

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

97. Representação gráfica do alçado posterior

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

98. Área da bancada de refeições no piso -1

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

99. Piso -1: Área da cozinha e sala de estar

Natalia Cristina Pinheiro, Render

100. Piso -1: Área da cozinha e sala de estar

Natalia Cristina Pinheiro, Render

101. Dormitório na área do mezanino

Natalia Cristina Pinheiro, Render

102. Dormitório na área do mezanino

Natalia Cristina Pinheiro, Render

103. Piso -1: Sala de estar com sofá cama

Natalia Cristina Pinheiro, Render

104. Alçado principal do edifício 2

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

105. Representação gráfica em planta baixa do mezanino

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

106. Representação gráfica em planta baixa do rés de chão

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

107. Representação gráfica em corte A

Natalia Cristina Pinheiro, Corte

108. Área de dormir e porta de entrada

Natalia Cristina Pinheiro, Render

109. Bancada para refeição e cozinha

Natalia Cristina Pinheiro, Render

110. Alçado principal do edifício 3

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

111. Representação gráfica em planta baixa do rés de chão

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

112. Representação gráfica em planta do pavimento +1

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

113. Representação gráfica em planta do pavimento +2

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

114. Representação gráfica em corte A

Natalia Cristina Pinheiro, Corte

115. Alçado lateral esquerdo

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

116. Alçado posterior

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

117. Zona do dormitório e acesso da porta principal e da porta da casa de banho

Natalia Cristina Pinheiro, Render

118. Área da cozinha e espaço para refeição

Natalia Cristina Pinheiro, Render

119. Área da cozinha e espaço para refeição

Natalia Cristina Pinheiro, Render

120. Área de estar e bancada de refeição

Natalia Cristina Pinheiro, Render

121. Sala de estar e salamandra

Natalia Cristina Pinheiro, Render

122. Dormitório privado

Natalia Cristina Pinheiro, Render

123. Área da cozinha e acesso para casa de banho e a esquerda a entrada principal

Natalia Cristina Pinheiro, Render

124. Zona do quarto e cozinha

Natalia Cristina Pinheiro, Render

125. Vista geral do último piso do edifício 3

Natalia Cristina Pinheiro, Render

126. Alçado principal do edifício 4

Natalia Cristina Pinheiro, Alçado

127. Representação gráfica planta de layout

Natalia Cristina Pinheiro, Planta baixa

128. Representação gráfica em corte A

Natalia Cristina Pinheiro, Corte

129. Espaço dormitório e acesso a entrada principal

Natalia Cristina Pinheiro, Render

130. Vista da cama e porta para acesso a casa de banho

Natalia Cristina Pinheiro, Render

131. Vista geral da habitação

Natalia Cristina Pinheiro, Render

132. Planta Humanizada da área de convívio

Natalia Cristina Pinheiro, Render

SIGLAS

133. Espaço de convívio
Natalia Cristina Pinheiro, Render

134. Esquiço vista de topo da área de convívio
Natalia Cristina Pinheiro, Esquiço

135. Esquiço perspectiva da área de convívio
Natalia Cristina Pinheiro, Esquiço

Gráfico 01 – Número de visitantes em áreas protegidas entre 2010 e 2019
Instituto da Conservação da Natureza e das Floresta (2020).

Gráfico 02 – Dormidas na região Centro entre 2016 e 2020
Travel BI by Turismo de Portugal (2020).

DGADR - Direção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural

ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSSO – Instituto de Preservação do Stress e Saúde

OMT – Organização Mundial de Turismo

PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo

PER - Programa Especial de Realojamento

PNTN – Programa Nacional de Turismo de Natureza

PRODER – Programa de Desenvolvimento Rural

PROHABITA - Programa de Financiamento para Acesso à Habitação

RECRIA - Regime Especial de Comparticipação na Recuperação de Imóveis Arrendados

RECRIPH - Regime Especial de Comparticipação e Financiamento na Recuperação de Prédios Urbanos em Regime de Propriedade Horizontal

REHABITA - Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas

RGEU – Regulamento Geral das Edificações Urbanas

RJRU – Regime Jurídico da Reabilitação Urbana

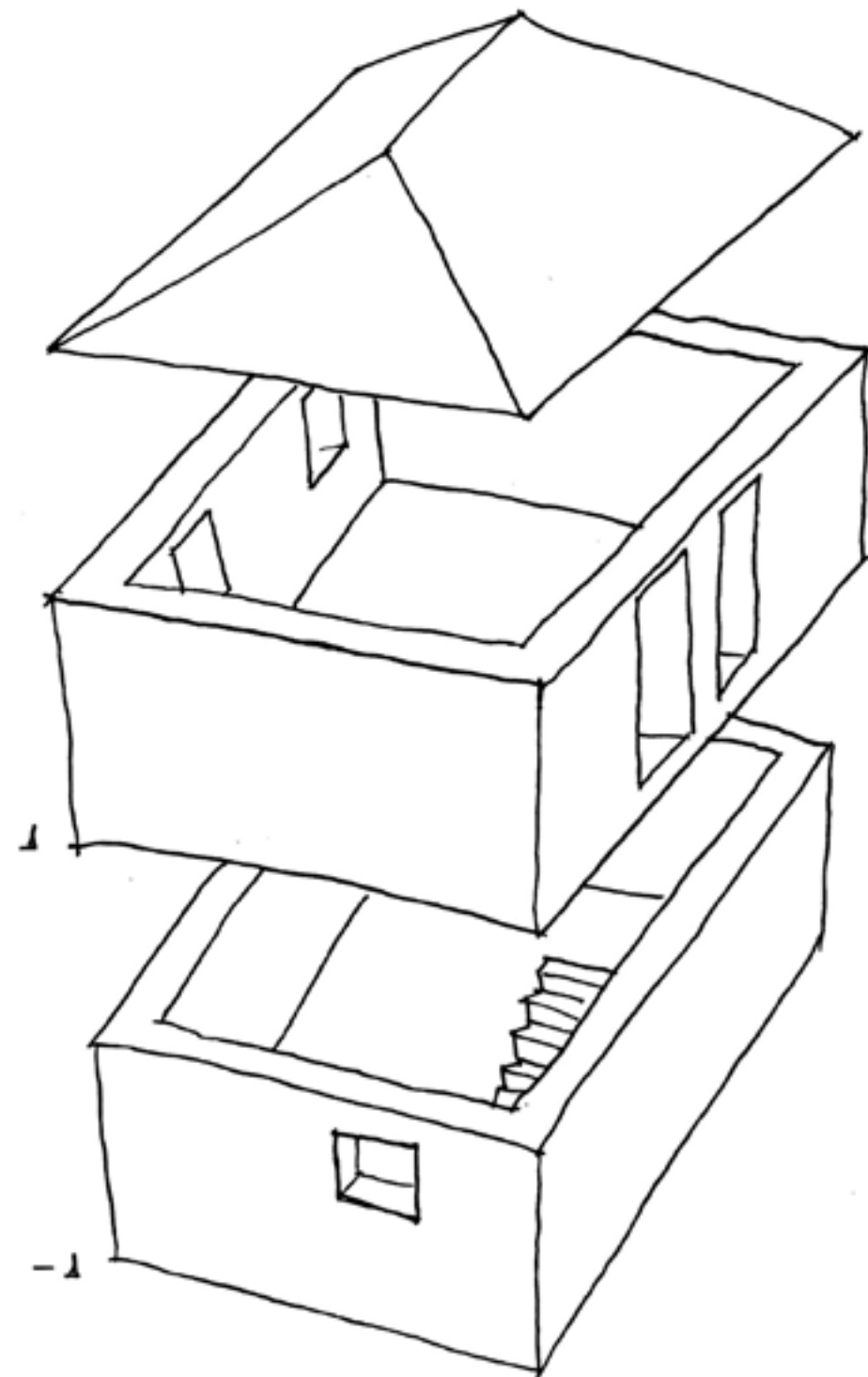
SARL – Sociedade do Caramulo

SOLARH - Programa de Solidariedade e Apoio à Recuperação de Habitação

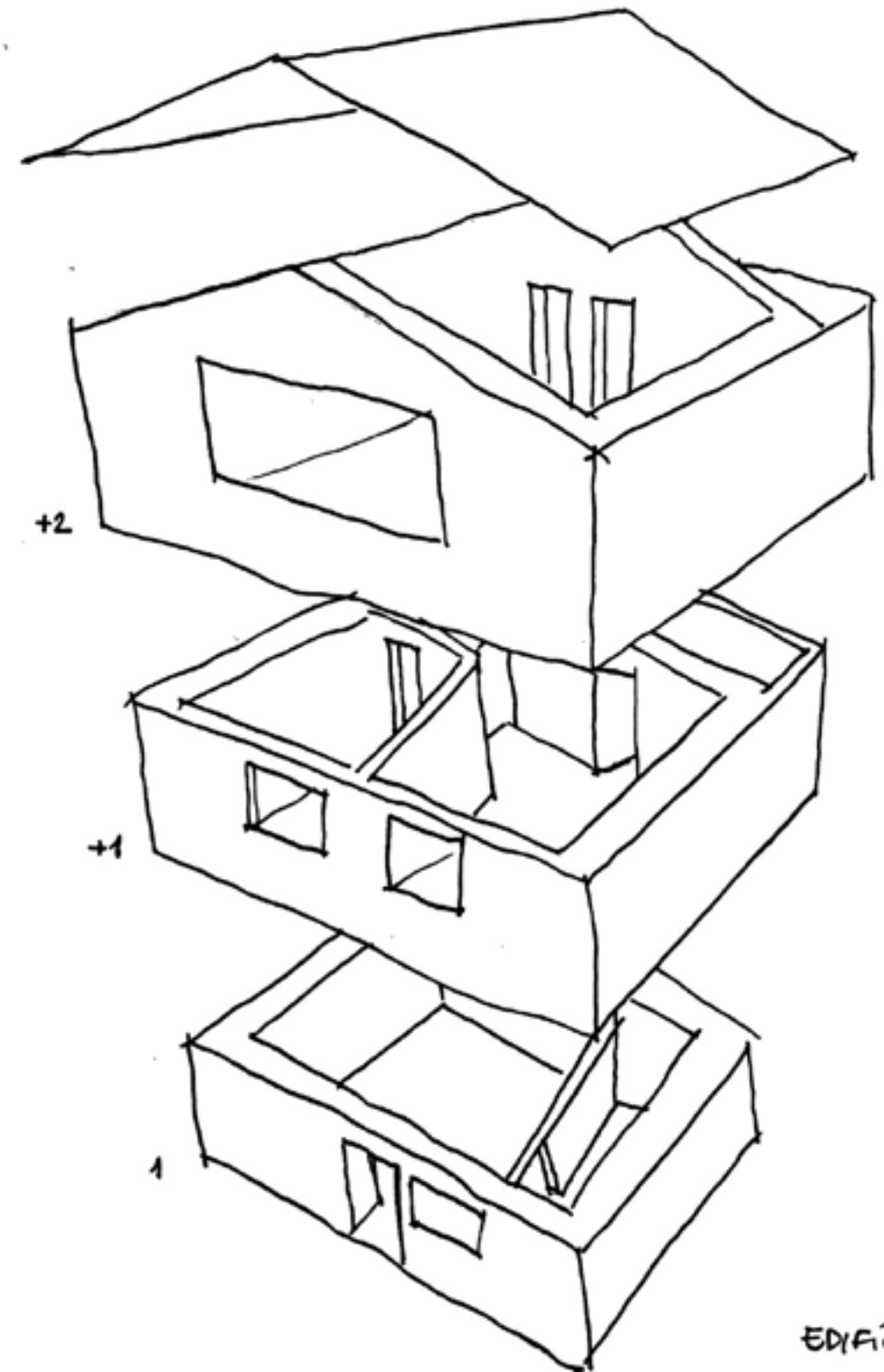
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

UNWTO – World Tourism Organization (United Nations)

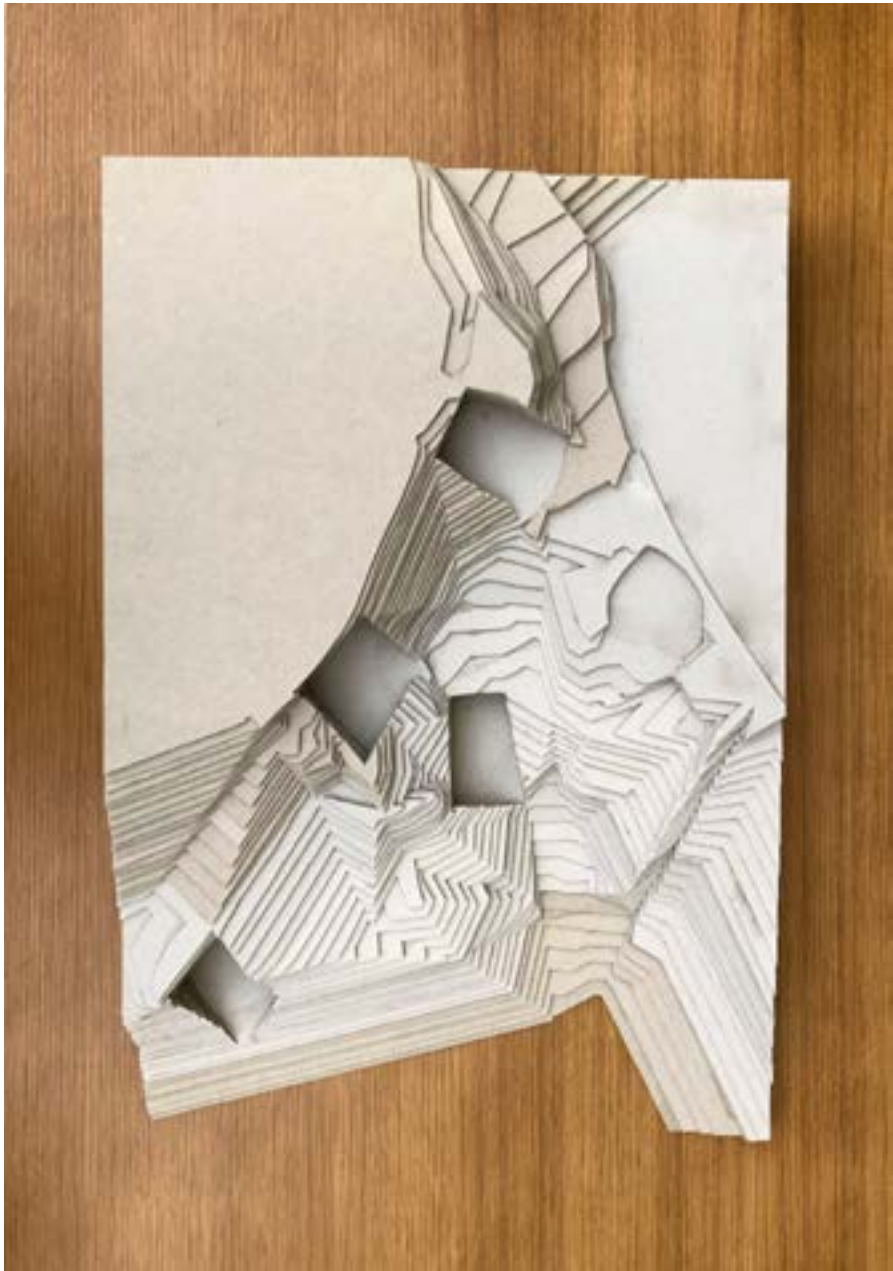
ANEXOS



EDIFÍCIO 1



EDIFÍCIO 3



Maquete curva de níveis
Escala: 1/100

